

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ÉRICA KRACHEFSKI NUNES OSWALD

**NEGAÇÃO: UM OLHAR SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO SOBRE OS
MORFEMAS A-, I- E DES-**

Porto Alegre

2015

ÉRICA KRACHEFSKI NUNES OSWALD

**NEGAÇÃO: UM OLHAR SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO SOBRE OS
MORFEMAS A-, I- E DES-**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de doutor em Letras, na área de concentração de Linguística, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientadora: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O86 Oswald, Érica Krachefski Nunes

Negação : um olhar semântico-argumentativo sobre os morfemas *a-*, *i-* e *des-* / Érica Krachefski Nunes Oswald – 2015.

99 fls.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2015.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leci Borges Barbisan

1. Linguística. 2. Semântica – Teorias. 3. Argumentação. I. Barbisan, Leci Borges. II. Título.

Àqueles que me permitiram chegar até aqui, e àqueles que, de alguma forma, verão os frutos provenientes deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por cada chance de progresso e experiência à mim confiados;

À minha família, especialmente aos meus pais, José Altair e Dalila, e meu marido Roberto, por todo apoio e incentivo recebidos;

À Professora Leci Broges Barbisan, por todo carinho, atenção e orientação ao longo de seis anos somados entre o período de mestrado e doutorado. És um exemplo de pessoa apaixonada pelo que faz;

Aos colegas e professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, por toda assistência e incentivo;

À Capes, pela bolsa de estudo de doutorado, a qual oportunizou meu progresso profissional;

Aos amigos e colegas do NED, que sempre ajudaram a tornar este percurso mais suave, alegre e produtivo;

Aos colegas do IFSul - Câmpus Sapiranga, pelo incentivo e compreensão;

Muito obrigada!

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente — o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe.

Guimarães Rosa

RESUMO

Esta tese tem como objetivo descrever e explicar o funcionamento semântico dos morfemas *a-*, *i(m/n)-* e *des-*, considerando seu sentido negativo. Para tanto, tal estudo está fundamentado na Teoria da Argumentação na Língua (ANL), desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores. A ANL tem forte relação com a teoria saussuriana, principalmente no que concerne os conceitos de *língua*, *fala*, *signo*, *valor* e *relação*. É a partir de um exemplo apresentado no Curso de Linguística Geral (CLG), *desfazer*, que este trabalho tem seu princípio: explicar os diferentes valores argumentativos dos morfemas negativos. Para isso, foi necessário, além de estudar o legado deixado por Ferdinand de Saussure, verificar como a negação foi abordada desde o início da ANL. Esta pesquisa está ancorada na atual fase da ANL, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida, desde 1992, por Marion Carel junto com Ducrot. Pela TBS, a negação é vista como uma forma de polifonia, em que o locutor, ao enunciar, coloca em cena enunciadores, tomando posição em relação a eles. No entanto, os autores estudam somente a negação comum e a negação metalinguística. Aqui, pretende-se explicar um caso diferente de negação ainda não apresentado pelos autores, chamado de *negação desconstrutiva*. Para tanto, foram analisados doze signos, sendo três do morfema *a-*, outros três com ocorrências de *i(m/n)-*, e seis com *des-*. Os casos do morfema *des-* foram divididos em dois tipos diferentes de negação. Após as análises, chegou-se à explicação de como a negação pode agir de forma diferente dependendo do signo com que os morfemas estão relacionados, especificamente, o morfema *des-*.

Palavras-chave: Negação. Semântica linguística. Valor.

ABSTRACT

This thesis aims to describe and explain the semantic function of *a-*, *i(m/n)-* and *des-* morphemes, taking into account their negative sense. Therefore, this study is based on the Theory of Argumentation within Language (TAL), developed by Oswald Ducrot and collaborators. TAL has a strong relation with the saussurian theory, mainly about *language*, *speech*, *sign*, *value* and *relation*. It is from an example presented in Course of General Linguistics (CGL), *desfazer (undo)*, that this work has its beginning: to explain the different argumentative values of the negative morphemes. For this purpose, it was necessary, in addition to study what Ferdinand de Saussure has left, to verify how the negation theme was discussed since the beginning of TAL. This research is anchored in the current phase, Theory of the Semantic Blocks (TSB), developed, since 1992, by Marion Carel and Ducrot. For TSB, the negation is considered a way of poliphony, when the locutor, while enunciates, puts in scene enunciators, taking a stand about them. However, the authors study only the common negation and the metalinguistic negation. In this moment, it is intended to explain a different case of negation that has not been presented by the authors yet, and it is called *deconstructive negation*. So, twelve signs were analyzed, three of them are compounded by the morpheme *a-*, three other occurrences with *i(m/n)-*, and six with the morpheme *des-*. The cases with the morpheme *des-* were divided into two types of different negations. After the analysis, it was possible to explain how the negation can work in different ways, depending on the sign that the morpheme is related, especially, the morpheme *des-*.

Keywords: Negation. Linguistic Semantics. Value.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Signo linguístico | 23 |
| Figura 2: Valor linguístico | 26 |
| Figura 3: Mecanismo da Língua | 29 |
| Figura 4: BS ₁ - <i>Tristeza que leva ao cinema</i> | 40 |
| Figura 5: BS ₂ - <i>Tristeza que não leva ao cinema</i> | 40 |
| Figura 6: Bloco semântico de <i>prudência</i> | 41 |
| Figura 7: Bloco semântico 1 | 59 |
| Figura 8: Bloco semântico 2 | 59 |
| Figura 9: Bloco semântico de <i>aparecer/desaparecer</i> | 80 |
| Figura 10: Bloco semântico de <i>vincular/desvincular</i> | 82 |
| Figura 11: Bloco semântico de <i>fazer/desfazer</i> | 83 |
| Figura 12: Bloco semântico de <i>aparecer/não aparecer</i> | 90 |
| Figura 13: Bloco semântico de <i>fazer/desfazer</i> | 90 |
| Figura 14: Bloco semântico de <i>vincular/não vincular</i> | 91 |
| Figura 15: Bloco semântico de <i>vincular/desvincular</i> | 91 |
| Figura 16: Bloco semântico de <i>fazer/não fazer</i> | 92 |
| Figura 17: Bloco semântico de <i>vincular/desvincular</i> | 92 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Argumentação externa de <i>normalidade</i> e <i>anormalidade</i> | 65 |
| Tabela 2: Argumentação externa de <i>típico</i> e <i>atípico</i> | 67 |
| Tabela 3: Argumentação externa de <i>paciência</i> e <i>impaciência</i> | 70 |
| Tabela 4: Argumentação externa de <i>acabado</i> e <i>inacabado</i> | 72 |
| Tabela 5: Argumentação externa e interna de <i>afeto</i> e <i>desafeto</i> | 76 |
| Tabela 6: Argumentação externa e interna de <i>encontro</i> e <i>desencontro</i> | 78 |
| Tabela 7: AEs e AI de <i>normalidade/anormalidade (a)</i> , <i>típico/atípico</i> e <i>normalidade/anormalidade (b)</i> | 85 |
| Tabela 8: AEs e AI de <i>paciência/impaciência (a)</i> , <i>acabado/inacabado</i> e <i>paciência/impaciência (b)</i> | 86 |
| Tabela 9: AEs e AI de <i>afeto/desafeto</i> , <i>encontro/desencontro</i> e <i>favorável/desfavorável</i> . | 88 |
| Tabela 10: AI de <i>apareça/não apareça/desapareça</i> , <i>vincular/não vincular/desvincular</i> e <i>fazer/não fazer/desfazer</i> | 89 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- AE – Argumentação externa
- AEd - Argumentação externa à direita
- AEe - Argumentação externa à esquerda
- AI – Argumentação interna
- ANL – Teoria da Argumentação na Língua
- BS – Bloco semântico
- CLG – Curso de Linguística Geral
- CON – Conector
- CON[?] – Conector contrário
- DC - Donc
- E – Enunciador
- ELG – Escritos de Linguística Geral
- L - Locutor
- Neg – Negação
- PT- Pourtant
- TBS – Teoria dos Blocos Semânticos
- λ – Sujeito empírico

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1 O PENSAMENTO SAUSSURIANO | 18 |
| 1.1 LÍNGUA E FALA | 19 |
| 1.2 SIGNO..... | 22 |
| 1.3 VALOR E RELAÇÃO | 25 |
| 2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA..... | 31 |
| 2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA..... | 31 |
| 2.2 TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS (TBS) | 36 |
| 2.2.1 Os operadores | 43 |
| 3 - O ENTRELACAMENTO DA NEGAÇÃO E POLIFONIA | 46 |
| 3.1 OS PRIMEIROS PASSOS | 46 |
| 3.1.1 Negação e polifonia em <i>Les mots du discours</i> e <i>O dizer e o dito</i> | 47 |
| 3.1.2 A negação e a polifonia em <i>Polifonia y argumentación</i> e em <i>La argumentación en la lengua</i> | 51 |
| 3.2 AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS NOS CONCEITOS DE POLIFONIA E NEGAÇÃO | 54 |
| 3.2.1 A lei da Negação | 54 |
| 3.2.2 A polifonia pela TBS: a pressuposição e a negação..... | 56 |
| 4. MÉTODO E ANÁLISE | 63 |
| 4.1 MÉTODO | 63 |
| 4.2 ANÁLISE | 64 |
| 4.2.1 O caso de <i>a-</i> | 64 |
| 4.2.2 O caso de <i>i(m/n)-</i> | 68 |
| 4.2.3 O caso de <i>des-</i> | 73 |
| 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 84 |
| 5.1 NEGAÇÃO COMUM | 84 |
| 5.2 NEGAÇÃO DESCONSTRUTIVA..... | 89 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| REFERÊNCIAS | 96 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| ANEXO A - Texto e contexto, de Luís Fernando Veríssimo..... | 98 |
| ANEXO B - Sindicato quer anular decisão que desvinculou hospital da USP | 99 |

INTRODUÇÃO

Estamos na situação de uma criancinha que entra em uma imensa biblioteca, repleta de livros em muitas línguas. A criança sabe que alguém deve ter escrito aqueles livros, mas não sabe como. Não compreende as línguas em que foram escritos. Tem uma pálida suspeita de que a disposição dos livros obedece a uma ordem misteriosa, mas não sabe qual ela é.

Albert Einstein

Neste início de pesquisa, também nos sentimos como criancinhas, não em uma biblioteca sem compreender as diferentes línguas em que os livros estão escritos, ou a ordem em que estão dispostos, mas inseridas em uma aventura linguística tentando explicar um elemento específico de uma língua da qual, no momento, temos somente uma pálida suspeita de que ele obedece a uma regra, mas ainda não sabemos exatamente qual ela é. Tentaremos ao longo deste trabalho tornar a ‘pálida suspeita’ em uma ‘ruborizada certeza’. Para isso, tomamos como fio condutor desta tese a noção de *valor*. Tal conceito está presente em toda a teoria de Saussure, bem como na Teoria da Argumentação na Língua (ANL), desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores. Como e por que abordaremos este conceito, além de outros, é claro, em nossa pesquisa? Começamos pela relação entre as duas teorias. Nosso estudo se enquadra mais especificamente na ANL, mas, tendo como seu alicerce teórico a teoria de Saussure, não podemos nos afastar de seu pensamento. Ducrot e colaboradores propõem uma teoria semântica em que a significação está na língua. Essa teoria parte da fala para definir e explicar fenômenos da língua. Ainda, a partir de elementos da língua é possível compreender a construção de sentido na fala, e vice-versa.

Mesmo quem não tem um maior conhecimento da ANL pode perceber sua filiação à teoria saussuriana já em títulos de artigos ou capítulos, como em: *Estruturalismo, enunciação e semântica*, em *O dizer e o dito* (1984); *La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?* (2006). Com isso, nossa primeira ideia era mostrar como Ducrot e seus colaboradores conseguiram formular a Teoria da Argumentação na Língua, que se sustenta até hoje, partindo de uma teoria desenvolvida por Ferdinand de Saussure. No entanto, seria um trabalho imenso e que não caberia em uma tese. Após muitas leituras, encontramos nos operadores um aspecto interessante a se estudar. Mas, afinal, o que são operadores? Para a

Teoria da Argumentação na Língua, as palavras podem ser classificadas de duas formas: palavras plenas e palavras instrumentais. As palavras plenas podem ser substantivos, adjetivos ou verbos, palavras passíveis de receber uma argumentação interna (AI) e uma argumentação externa (AE). Já as instrumentais (ou gramaticais) são aquelas que atuam sobre as plenas; para elas não é possível associar um conjunto de discursos. As palavras instrumentais subdividem-se em conectores, articuladores e operadores. Os operadores podem ser de dois tipos: modificadores e internalizadores. Os operadores (Y) atuam junto às palavras plenas (X) formando um sintagma (XY), por exemplo: prova fácil.

Neste momento, recorreremos ao mestre genebrino. No Curso de Linguística Geral, especificamente o capítulo VI da segunda parte, *Mecanismo da Língua*, Saussure¹ trata da *solidariedade sintagmática*, que pode ocorrer na cadeia falada e/ou nas próprias partes que constituem uma unidade da língua. Das duas opções, somente a segunda é descrita e explicada, ou seja, a solidariedade sintagmática interna ao signo. Como exemplo, encontramos *desejoso*, classificado como um sintagma, *desej + oso*. Ou seja, temos um signo que pode ser decomposto em outros dois. Este foi o ponto que despertou nossa curiosidade: como seria a solidariedade sintagmática na cadeia falada? Fica em aberto.

Para aguçar mais ainda a nossa vontade em relacionar a língua e o emprego da língua por meio de duas teorias diferentes, encontramos em Simon Bouquet um excerto de um manuscrito de alunos de Saussure sobre uma aula do mestre em que a noção de valor é apresentada.

Os sintagmas, embora constatados em combinações que não frases, têm por tipo evidente as próprias frases. Toda frase será um sintagma. Ora, a frase pertence à fala e não à língua. Então, uma objeção: será que o sintagma não pertence à fala e será que não misturamos as duas esferas língua-fala para distinguir as duas esferas sintagma-associação? É com efeito aqui que há algo de delicado na fronteira dos dois domínios. Questão difícil de resolver. (SAUSSURE, apud BOUQUET, 2000, p. 272)

É nesta delicada fronteira que nos situamos. Partimos do estudo do sintagma interno ao signo para o sintagma no uso, em que um signo tem seu sentido construído em função da solidariedade de outro. Ora analisamos elementos no nível da língua, ora no nível da fala. Das diversas opções de formação de sintagma, escolhemos estudar a negação. Aqui, negação não

¹ Temos consciência de que o Curso de Linguística Geral é uma obra póstuma não escrita por Saussure. No entanto, como há diferentes momentos em que precisamos referir um autor, e este é o do CLG, optamos por empregar o nome de Saussure pelo fato de que tais pressupostos são criados a partir de legado deixado por ele em suas aulas. Não cabe aqui julgar se as definições são ou não fiéis.

se restringe somente ao uso de *não*, mas de elementos que atuam como negações ao se relacionarem com um signo. Nossa opção de material de análise partiu de uma curiosidade aparentemente básica quando lemos o exemplo de *desfazer* no CLG. Por que o morfema *des-* não contribui semanticamente da mesma forma em *desfazer* e *desfavorável*? É um caso de negação comum? Assim, optamos por trabalhar com outros dois morfemas *a-*, *i(m/n)-*, além do *des-*, como forma de enriquecer nossa pesquisa, pois os três morfemas que abordaremos são classificados como prefixos negativos.

Certa vez, em entrevista à Revista Investigações (2012), Ducrot disse que é um pesquisador que gosta de “[...] explicar os detalhes da língua. Sempre me interessei pela pesquisa dos detalhes muito mais do que as grandes ideias sobre a linguagem” (DUCROT, 2012, p. 14). Ainda, “[...] defendemos a ideia de que a argumentação está primeiramente no próprio sentido das palavras e que ela não é um tipo de consequência do uso das palavras” (DUCROT, 2012, p. 16). Não queremos nos comparar com Ducrot, mas nossa tese está buscando detalhes na língua. Assim, justificamos nosso material de análise. Como o próprio nome, estamos trabalhando com uma teoria que busca explicar a argumentação *na língua*. Nosso propósito é, antes de tudo, conseguir apresentar um esclarecimento do papel semântico-argumentativo dos signos *a-*, *i-* e *des-* na língua, a partir de seu emprego no enunciado, no discurso.

Nossa pesquisa parte das seguintes questões:

- De que forma(s) um elemento linguístico de signos agrupados pode ser uma negação?
- Como se dá a construção de sentido da negação com os morfemas *a-*, *i-* e *des-* ?
- Como o fenômeno da negação, considerando os morfemas *a-*, *i-*, *des-*, pode ser explicado pela Teoria da Argumentação na Língua e pela Teoria dos Blocos Semânticos?

Estas perguntas têm por objetivo:

- Identificar e analisar as diferentes formas de como um elemento linguístico de um signo agrupado pode atuar como uma negação, de acordo com a TBS;
- Descrever cada tipo de negação dos morfemas *a-*, *i-* e *des-*;
- Explicar cada tipo de negação abordado neste estudo a partir de preceitos semântico-argumentativos, ou seja, pela ANL e pela TBS.

A tese está estruturada em 5 capítulos, além deste introdutório e aquele que conclui o trabalho. O primeiro capítulo é dedicado ao pensamento saussuriano. Como a teoria parte de um apontamento presente no Curso de Linguística Geral, e a teoria que embasa esta pesquisa tem bases saussurianas, se faz necessário abordar alguns conceitos essenciais para o desenvolvimento da teoria e da pesquisa. São abordados os conceitos de língua, fala, signo, valor e relação.

No segundo capítulo, a Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores, é apresentada, primeiramente, em relação a outras, com o legado deixado por Saussure e o conceito de alteridade presente na obra de Platão. Além disso, os principais conceitos da teoria argumentativa e sua atual fase, a Teoria dos Blocos Semânticos, são expostos.

Um histórico da negação e da polifonia ao longo do desenvolvimento da Teoria da Argumentação na Língua está no terceiro capítulo que integra esta tese. Os conceitos são abordados da maneira como foram desenvolvidos nas obras *Les mots du discours*, *O dizer e o dito*, *Polifonía y Argumentación* e *La argumetnación en la lengua*. Por fim, é trazida a negação e a polifonia vistas a partir da Teoria dos Blocos Semânticos.

No quarto capítulo, é demonstrado o método utilizado na investigação linguística, bem como as análises, que são divididas em morfemas, e por sua vez, em signos. Para o morfema *a-*, são analisados os signos *anormalidade* e *atípico*; para *i(m/n)-*, *impaciência* e *inacabado*; *des-* é explorado de duas formas distintas: como negação comum e como negação desconstrutiva.

Por fim, os resultados das análises são retomados e discutidos no capítulo quinto, seguido das considerações finais.

Passamos agora à exposição da teoria desenvolvida pelo mestre genebrino, Ferdinand de Saussure.

1 O PENSAMENTO SAUSSURIANO

A língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar. Desde o instante em que ele tem contato com o mar, é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que ele se compõe, sua construção interior segundo um plano.
Ferdinand de Saussure²

O barco que lançamos ao mar, neste momento, parte de seu estaleiro com vontade de desbravar novas terras. Sabemos que as águas não são tão calmas e límpidas, por isso talvez sejam necessárias algumas paradas para reforçar nossa embarcação. Apresentamos agora o casco, ou melhor, o material necessário para sustentar o meio de transporte que utilizaremos para chegar ao nosso destino.

A teoria que fundamenta nossa pesquisa, a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, é desenvolvida a partir de conceitos saussurianos. Neste capítulo, tendo em vista a proposta de nossa pesquisa, abordaremos a teoria saussuriana, apresentando algumas noções importantes para a ANL e para este trabalho, tais como *língua* e *fala*, *signo* e *valor*.

Como dissemos em nossa introdução, Ducrot e colaboradores não escondem a importância do pensamento saussuriano para a Semântica Argumentativa. No primeiro parágrafo do texto *La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?* (DUCROT, 2006, p. 153), Ducrot narra brevemente sua história com o legado deixado por Saussure. Seu primeiro contato com o “estruturalismo”³ deu-se pela necessidade de substituir um professor em uma escola de ensino médio parisiense, tendo no programa da disciplina tal tema. Como todo bom professor, foi em busca do tema em uma livraria, dirigindo-se diretamente a um espaço dedicado ao assunto; ali, encontrou as obras *Antropologia estrutural* de Lévi-Strauss e *Curso de Linguística Geral*. Dentre os vários conceitos importantes desenvolvidos ao longo do *Curso*, foi a noção de *valor* que se destacou e despertou o interesse de Ducrot pela Linguística, fazendo com que até hoje ele trabalhe na construção de uma semântica filiada a Saussure. Antes de chegar ao conceito de *valor*, acreditamos ser preciso

²Texto retirado de “Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral: Novos Documentos”, inserido na obra *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2004, p.248).

³ Levando em consideração que atualmente a palavra *Estruturalismo* é evitada ao se referir ao legado de Saussure, justificamos seu uso por ser uma escolha lexical do autor, Oswald Ducrot. Destacamos que, no capítulo em questão, Ducrot utiliza aspas quando menciona tal palavra. Ressaltamos ainda que, segundo Depecker (2012, p.24) “[...] Saussure não inventou o estruturalismo e, em todo caso, a palavra não é encontrada em nenhum lugar em seus textos”.

refletir sobre *língua e fala*, tão importantes para o estabelecimento da Linguística enquanto ciência, bem como todas as peculiaridades de *signo*.

1.1 LÍNGUA E FALA

Qual é o objeto de estudo da Linguística? O que é *língua*? O que é *fala*? *Língua* é o mesmo que *Linguagem*? Perguntas como essas são comuns de serem feitas por iniciantes e curiosos da área. No entanto, as respostas não são tão fáceis de serem dadas, mesmo quando se toma somente um ponto de vista, uma perspectiva, neste caso, o pensamento de Saussure. Para tanto, começamos pelo início do CLG, especificamente, do capítulo III da *Introdução, Objeto da Linguística*. Antes de conceituar tais termos, é preciso destacar o ponto de partida, ou seja, o estabelecimento da linguística enquanto ciência: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto;” (SAUSSURE, 2006, p.15). Aqui, podemos lembrar o que está presente nos *Escritos de Linguística Geral* (ELG). Para Saussure, um fato de linguagem deve ser visto sob uma perspectiva, e o objeto de estudo não pode ser dado previamente. Em *Natureza do objeto em linguística* (SAUSSURE, 2004, p. 23), percebemos a preocupação em deixar claro que a ciência proposta não parte de um objeto *dado*, “[...] ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos”. Tal afirmação faz com que a Linguística se diferencie de outras ciências, como a Física, a Química, a Botânica, etc. Poetizando um pouco este capítulo teórico, o grande escritor Mario Quintana disse algumas palavras que nos servem de exemplo de que o ponto de vista cria o objeto:

*“Mas o que quer dizer este poema? - perguntou-me alarmada a boa senhora.
E o que quer dizer uma nuvem? - respondi triunfante.
Uma nuvem - disse ela - umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...”*⁴

Neste caso, podemos ver um exemplo simples e comum: uma nuvem. Uma pesquisa, que tem como objeto de estudo uma nuvem somente como indicativa de chuva, inicia com o seu objeto *dado*. E o mesmo ocorreria se a nuvem fosse tomada como um objeto de tempo bom. Saussure teve o cuidado de esclarecer que a língua é tomada como objeto científico pois pode ser estudada por diferentes perspectivas.

⁴ Retirado do site <http://poetamarioquintana.blogspot.com.br/>

Passamos então ao objeto da linguística. *Língua* e *linguagem* são diferenciadas. A *linguagem* é constituída por duas partes interdependentes, a *língua* (*langue*) e a *fala* (*parole*). A língua deve ser tomada como norma para estudar todas as outras manifestações da linguagem. Ela é somente uma das duas faces, e está no domínio do social,

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p.21).

É preciso distinguir dois termos abordados por Saussure que podem, à primeira vista, parecer iguais: *as línguas* e *a língua*. Aqui, *-s* não é usado somente como indicativo de pluralidade. Esse morfema significa muito mais. Destacamos na terceira parte do ELG (*Outros Escritos de Linguística Geral*), especificamente os *Antigos Documentos*, dois ‘momentos’ específicos que dialogam quando se trata da relação entre *as línguas* e *a língua*. Em *Primeira conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)*, encontramos uma afirmação de que o estudo da linguagem só pode ser feito ao se recorrer ao estudo das línguas, que se ambos não forem feitos de forma relacionada, temos apenas “uma empreitada absolutamente inútil e quimérica” (SAUSSURE, 2004, p.128). Já em *Notas para o curso III (1910-1911): Divisão do curso e linguística geográfica*, percebemos mais uma vez a importância dessa interdependência entre ambas. Segundo Saussure,

As línguas, é esse o objeto concreto que se oferece, na superfície do globo, ao linguista. *A língua*, é esse o título que se pode dar ao que o linguista souber tirar de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e através do espaço (ibid., p.265).

Trouxemos estes excertos de manuscritos de Saussure para discutir o conceito de língua. Chamamos atenção para as datas de produção, 1891 e 1910-1911. Nesta passagem de aproximadamente vinte anos, o pensamento a respeito do objeto se mantém. Ao longo de seu trabalho, vemos uma teoria em que os conceitos estão sempre relacionados, todos têm *valor*, só existem em relação uns com os outros. Vemos também que a famosa distinção *língua* x *fala* não é suficiente para definir *língua*; ela também se conceitua em relação *às línguas*. Refletindo sobre suas palavras, cabe ao linguista partir *das línguas*, que ele chama de objeto oferecido, para estudar *a língua*, ou seja, ele parte da ‘superfície do globo’ para chegar ao

‘núcleo’. Sobre esta relação, Depecker (2012, p.30-31) apresenta sua reflexão, seguindo o pensamento saussuriano, de que é importante chegar a *generalizações*, partindo de fatos observados nas línguas. Assim, a *língua* é constituída de princípios extraídos das observações das línguas. Afirma também que “o objetivo da linguística é então o de examinar as leis gerais da linguagem. Para isso é preciso partir dos fatos, pois as “*leis gerais*” da linguagem só podem ser deduzidas de suas “*formas particulares*”[...]”. Ainda, “para Saussure, da observação das línguas devem decorrer alguns princípios” (ibid.).

Langue e parole estão intimamente relacionadas, sendo difícil separá-las, mas isso se faz necessário. Saussure (2006, p.19-20) parte do ato individual para explicar o social, por meio do circuito da fala, que brevemente descreveremos. No circuito, há sempre, no mínimo, dois indivíduos: **A** e **B**. O circuito inicia no cérebro de **A**, e três processos ocorrem até a mensagem chegar em **B**: *psíquico* (um conceito suscita uma imagem acústica), *fisiológico* (o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso da imagem) e *físico* (ondas sonoras são propagadas). A ordem será inversa quando o circuito se prolongar em **B**: primeiro, há a transmissão fisiológica, seguida da associação psíquica; o processo físico só ocorrerá se **B** falar.

A outra face que constitui a linguagem, a *fala*, possui características diferentes. A *fala* é individual, é o uso que um indivíduo faz da *língua*, é o seu emprego, e “[...] dela o indivíduo é sempre senhor; [...]” (SAUSSURE, 2006, p.21). Em sua obra, Saussure não se deteve a estudar a *fala*, pois, como já mencionado, seu interesse era estudar a *língua* e torná-la um objeto científico.

O fato de a *fala* não ser o objeto de estudo privilegiado por Saussure não significa que não deva ser estudada. No CLG, o capítulo seguinte àquele que define o objeto da linguística apresenta a *Linguística da língua e Linguística da fala*. Nesse capítulo, o autor menciona a possibilidade de estudar as duas partes da linguagem; ele classifica como essencial o estudo da *língua*, e secundário, o estudo da parte individual da linguagem. Segundo Saussure, a *fala* é anterior à *língua*, pois, para que a *língua* se estabeleça como tal, se faz necessário o seu uso; “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos” (SAUSSURE, 2006, p. 27). Podemos pensar que a *língua* é o que é, por ser diferente da *fala*, e essa diferença é o que nos permite ver a *língua* através da *fala*, além disso, reconhecendo a *fala* podemos conhecer a *língua*.

Neste momento em que nos encaminhamos para encerrar esta subseção, acreditamos ser pertinente trazer o termo *língua* tal qual é apresentado no *Glossário das principais noções e dos sentidos mais usuais nos e segundo os manuscritos*, elaborado por Depecker.

Aproveitamos o árduo trabalho do pesquisador, de resumir em poucas palavras todos os sentidos dados à língua, para endossar nossa singela e breve apresentação do conceito.

Língua: 1) Faculdade humana de utilizar a linguagem. 2) Uma língua (francês, alemão, italiano etc.): equivalente de idioma. 3) A Língua: soma das formas ouvidas e praticadas e de seu sentido para cada um dos sujeitos falantes. 4) A língua: estudo da língua. 5) A língua: resultado desse estudo, isto é, o conjunto dos princípios coletados da observação das línguas. 6) A língua: realização social da linguagem. 7) A língua: consagração daquilo que foi evocado pela fala. 8) Soma dos depósitos das formas, de suas significações e de suas combinações em cada indivíduo (DEPECKER, 2012, p. 191).

Acreditamos que as definições feitas por Depecker foram contempladas em nossa apresentação. No entanto, ainda queremos refletir a respeito da definição número 8. Pensar que o tesouro depositado no indivíduo, a *língua*, é a soma de todas as formas, suas significações e todas as possíveis relações que podem ter, nos direciona ao preceito de que a *língua*, além de um sistema de signos, também é um sistema de valores. Tais relações são feitas pelo fato de a *língua* ser composta de signos que se diferenciam, que se opõem uns aos outros, e, se diferenciando, se constituem. Desta forma, temos uma língua repleta de signos diferentes que estão sempre combinados, seja ainda na mente ou no emprego que o indivíduo faz deles, signos que não só existem, mais do que isso, valem (SAUSSURE, 2004, p. 30). Deixamos para uma subseção sequente a abordagem do conceito de *valor*.

Embora tenhamos dado este espaço específico para discorrer sobre *língua* e *fala*, é muito difícil definir ambos os conceitos de forma completa. Dizer que uma parte da linguagem é social, coletiva, e que a *fala* é individual não é o bastante. Precisamos, e é o que faremos a seguir, definir noções como *signo*, *valor*, e as possíveis maneiras com que se combinam, relações *associativas* e *sintagmáticas*.

1.2 SIGNO

Seguindo a ordem de edição do *Curso*, das cinco partes em que é dividido, o primeiro capítulo da primeira parte é dedicado à noção de *signo*. Pensando de forma lógica, primeiro é preciso apresentar o ponto de vista sobre o objeto de estudo para, então, esmiuçar tudo o que ‘rodeia’ a noção de língua. Se a língua é um sistema de signos, cabe iniciar os *Princípios Gerais* com a *Natureza do Signo Linguístico*. No entanto, a definição de signo não se faz presente somente neste capítulo específico. Na própria definição de língua, na *Introdução*,

encontramos sua definição, como em “[...] constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. [...] A língua é um sistema de signos que exprimem ideias [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 23,24). Mas qual é nosso objetivo em dizer isso? Somente mostrar que tudo está tão bem relacionado dentro da teoria que se torna difícil, mais uma vez ressaltamos, definir algo por si mesmo. E, se fosse possível, com certeza, estaríamos indo contra o pensamento saussuriano.

Vejamos agora a clássica imagem representativa de um signo.

Figura 1: Signo linguístico



Fonte: Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2006, p.133)

Como podemos ver na figura, o signo é constituído por duas faces, o *significante* – uma imagem acústica - e o *significado* – um conceito⁵. As flechas indicam que ambas partes são simétricas, são constitutivas; sem uma das partes, não há signo. Conforme Depecker, “o signo linguístico não se resume a um único material ou a um elemento gráfico. Ele também não forma, sozinho, uma ideia. Ele é, ao mesmo tempo, um e outro” (DEPECKER, 2012, p. 94). Acontece, algumas vezes, de ouvir a definição de signo como uma etiqueta colada a um objeto. No entanto, a função do signo não é reproduzir o real. Utilizamos o exemplo dado por Saussure para pensar sobre isso. A palavra *arbor*, usualmente, pode remeter a imagem acústica apenas. No entanto, para que *arbor* seja um signo, é preciso que exprima um conceito, ‘árvore’, “de tal maneira que a idéia da parte sensorial implica a do total” (SAUSSURE, 2006, p.80).

Há mais o que se falar a respeito da natureza do signo, sua arbitrariedade. Para Saussure, “o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p.81). No *Curso*, Saussure

⁵Lembramos que as duas partes constitutivas do signo foram primeiramente denominadas *conceito e imagem acústica*. Para maiores informações, sugerimos, além da obra de Saussure, o capítulo 3 de *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*, de Loïc Depecker (2012).

conduz seu pensamento apresentando a diversidade nas/das línguas, e utiliza-se da palavra *boi*, em francês. O significado de *boeuf* tem como significante de um lado da fronteira franco-germânica, *b-ö-f*, e, do outro lado, *o-k-s* (*ochs*). O significante é arbitrário em relação ao significado.

Buscamos em Depecker, Normand e Bouquet um maior apoio, e encontramos a reflexão de que não só o laço que liga significante e significado é arbitrário, mas também “as relações entre os signos com as quais se constitui um enunciado” (NORMAND, 2009, p.65). Assim, há duas formas de relações: interna – *no* signo, entre significado e significante -, e externa – entre signos. Sobre as formas interna e externa, Bouquet vai um pouco além do signo, pois se o termo arbitrário é capaz de envolver as duas formas de relação, é possível se referir a outra realidade, “[...] a realidade de que uma língua se define, quanto a essas duas relações, como sendo diferente de outras línguas” (BOUQUET, 2000, p.23). Sobre a arbitrariedade do signo e a língua, Depecker (2012, p.98) afirma que na estrutura do signo está inscrito o princípio de evolução das línguas. Fazemos aqui uma reflexão. Partimos do ponto de que a língua é um sistema de signos, e que só pode ser estudada a partir das línguas; as relações interna e externa do signo são arbitrárias, relações essas que fazem as línguas evoluírem; assim, podemos pensar que a língua se define e se constitui arbitrariamente, ou seja, o jogo constante entre significante e significado no e entre signos, que faz a língua evoluir, define-a.

Entretanto, nem a língua, nem todos os signos são totalmente arbitrários. Temos os signos arbitrários absolutos e arbitrários relativos. Saussure fala em *vinte* e *dezenove*. *Vinte* é um signo absolutamente arbitrário, é imotivado, assim como *pera*. Já *dezenove* é motivado, é relativamente arbitrário, pois evoca *dez* e *nove*, que, tomados separados, são imotivados. Para *pera*, imotivado, temos um exemplo de signo motivado, *pereira* (*pêra* + *-eira*). Assim como estes exemplos, a língua está repleta de outros mais.

A arbitrariedade do signo, que permeia toda a língua, direciona nossa fala para um momento muito importante, portanto delicado, de apresentar: o conceito de *valor*. Dizemos que é muito importante e delicado porque, para Saussure, segundo pensamento de Depecker, “[...] não lhe basta indicar que a língua é um “*fato social*”. Ele explica onde essa dimensão social está particularmente em ação: no valor, [...]” (DEPECKER, 2012, p.26).

1.3 VALOR E RELAÇÃO

Se tivéssemos que escolher palavras-chave para descrever a teoria saussuriana, com certeza, elegeríamos como uma delas *valor*. O princípio de que tudo na *língua* está em relação encantou tanto Ducrot a ponto de merecer destaque na Teoria da Argumentação na Língua. E, para falarmos sobre o conceito de *valor*, recorreremos a uma analogia feita por Saussure (2004, p.63): assim como não se pode definir o peão, o cavalo, dama e o bispo fora do jogo, cada elemento da língua não vale por si mesmo. Tanto as peças do jogo quanto os elementos da língua são opositivos, mais do que isso, diríamos opositivos-constitutivos: a dama se define por ter funções diferentes das do cavalo, valor ímpar no jogo; um signo se define em oposição a outros, e essa diferença o constitui. No CLG, também é feita essa relação entre *língua* e o jogo de xadrez: “Mas assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, assim também a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas” (SAUSSURE, 2006, p.124). Diferença e relação são as palavras-chave quando se trata de *valor*. Saussure afirma que tudo na língua, no sistema é negativo, nada tem sentido ou valor por si mesmo, tudo está correlacionado. Para Saussure, “[...] a língua repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, sem que o estado de língua seja destruído” (SAUSSURE, 2004, p.37).

Nos Escritos de Linguística Geral, o termo negativo ou negatividade é bastante empregado e, na maioria das vezes, está destacado em letras maiúsculas. Tal conceito é essencial para a teoria saussuriana, para a Linguística. Os elementos na *língua* devem ser por princípio negativos, não podem se definir por si só. Outro exemplo sobre negatividade é encontrado, mais uma vez, nos ELG. Saussure (2004, p.52) compara *língua* a um sistema de sinais marítimos, em que uma bandeira que se encontra entre outras tem dupla existência, tem caráter negativo. Ela é um pedaço de pano e um signo, ou objeto, mas com sentido. O sentido da bandeira vem da sua diferença com relação a outras bandeiras que também estão içadas, e sua diferença em relação às bandeiras que poderiam ter sido içadas no seu lugar e no lugar das outras que a acompanham.

Assim como a bandeira, os signos têm seu valor definido somente em relação a outros signos. Saussure afirma que “[...] uma forma não significa, mas vale: [...] por conseguinte ela implica a existência de outros valores” (SAUSSURE, 2004, p.30). Desenvolvendo seu pensamento, Saussure continua afirmando que o valor das formas é definido em virtude da

diferença material e recíproca, e em virtude do sentido que o indivíduo atribui às diferenças (ibid.). Com esta afirmação, passamos ao CLG, obra ‘primeira’ da linguística com o objetivo de verificar como o valor linguístico é definido.

No *Curso*, o conceito de valor é apresentado a partir da noção de signo. O capítulo é dividido em quatro partes. Dizemos que parte do signo, pois as subdivisões são assim apresentadas: 1º) a língua como pensamento organizado na matéria fônica; 2º) o valor linguístico em seu aspecto conceitual; 3º) o valor linguístico em seu aspecto material, e 4º) o signo considerado na sua totalidade. Falaremos um pouco sobre cada um.

Para Saussure, é preciso considerar as ideias e os sons para compreender a língua como um sistema de valores. Os signos (significado e significante) que constituem a língua são essenciais para distinguir dois pensamentos de forma clara. Para tanto, um exemplo é dado: a língua se assemelha a uma folha de papel. O papel possui o verso e o anverso, e quando se corta um, necessariamente se corta o outro. Se tomarmos o verso como o som, e o anverso como o pensamento, tal analogia pode também ser aplicada, pois não há pensamento sem som, e nem som sem pensamento (SAUSSURE, 2006, p.131). O valor de uma entidade linguística não deriva somente da combinação entre som e ideia, está no uso, na coletividade.

O segundo aspecto abordado a respeito do valor, o vê somente sob o ponto de vista de seu significado. Retomamos o conceito de signo. Há duas formas de relacionar o conceito, uma, em que o significado é a contraparte do significante, interno ao signo (conforme fig.1), e outra, externa, onde é a contraparte de outros signos na língua (fig.2).

Figura 2: Valor linguístico



Fonte: Curso de Linguística Geral (SAUSSURE,2006, p.133)

Assim, o valor é sempre constituído por relações e diferenças entre signos, podendo ser determinado por algo *dessemelhante* ou *semelhante*. Quando se fala em *dessemelhante*, é que pode ser trocado por algo cujo valor ainda não é determinado; quando *semelhantes*, “que podem comparar com aquela cujo valor está em causa” (SAUSSURE, 2006, p. 134). Em relação à palavra, de um lado, uma troca dessemelhante seria uma ideia, de outro, há comparação com outra palavra quando se fala em coisas semelhantes. A principal

característica que podemos assinalar é “ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2006, p. 136).

A terceira forma abordada por Saussure é em relação ao significante, cujo valor é definido também por diferenças e relações. A respeito do valor do significante, na palavra, o que importa são as diferenças fônicas, que distinguem uma palavra de outra. No entanto, o som é algo secundário, como um material de uma moeda que não define o seu valor (SAUSSURE, 2006, p.137). Quando se pensa em significante linguístico, é possível relacioná-lo a fonemas, mas o significante é essencialmente constituído por diferenças capazes de separar a imagem acústica de um signo de outros (SAUSSURE, 2006, p.138).

Para falarmos de valor do signo total, devemos levar em consideração todas as partes de que falamos, principalmente que “[...] *na língua só existem diferenças*” (SAUSSURE, 2006, p. 139), ou seja, diferenças fônicas e conceituais. Mas, além disso, o valor se define não somente de forma interna ao signo, mas em relação aos signos que o rodeiam. Pode acontecer a mudança de valor de um signo somente por estar relacionado com outro signo anterior ou posterior a ele.

É notável, no *Curso de Linguística Geral*, a articulação entre as formulações feitas, seja em um mesmo capítulo, ou em capítulos diferentes. Não há como falar de *valor*, abordado no capítulo IV da segunda parte, sem falar nas *Relações Sintagmáticas e Relações Associativas*, capítulo V, pois o *valor* é oriundo das relações diferenciais e opositivas entre signos, significado e significante. Essa é nossa justificativa para abordar as diferentes formas de relação mantendo nosso pensamento somente no Curso. Além disso, trazemos o ponto de vista de Bouquet (2000), sobre a Teoria do Valor, que resulta de seu estudo a partir de formulações presentes em manuscritos de Saussure e/ou de alunos do mestre genebrino, comparados com o que está no *CLG*, obra póstuma não escrita e não organizada por Saussure. Segundo Bouquet (2000, p.255), a teoria do valor coordena dois fatos: o primeiro (*valor in absentia*), “faz corresponder termo a termo a teoria do valor e a teoria do arbitrário” (BOUQUET, 2000, p. 255.); o segundo (*valor in praesentia*), “associa, a esse valor proveniente do arbitrário da língua, um valor proveniente do fato sintagmático” (BOUQUET, 2000, p.255.). O fato semântico resultaria da combinação entre o *valor in absentia* e o *valor in praesentia*. O *valor in absentia* seria gerado a partir das relações associativas, enquanto que o *valor in praesentia*, pelas relações sintagmáticas. Além disso, *in absentia* remete à língua, e *in praesentia*, à fala. Bouquet aborda os dois valores separadamente, e, quando fala do *valor in praesentia*, uma afirmação sua nos chama atenção: “[...] o famoso capítulo IV da segunda parte do *Cours*, intitulado “La valeur linguistique”, trata apenas do *valor in absentia*; tudo o

que se refere ao valor *in praesentia* é deixado para o capítulo seguinte, intitulado “Rapports syntagmatiques et rapports associatifs” (BOUQUET, 2000, p. 269). Tal conclusão a que Bouquet chegou também fundamenta a necessidade de abordagem das relações associativas e sintagmáticas. Embora tenhamos citado Bouquet, optamos por nos centrar no CLG.

Os termos podem se relacionar em duas esferas, no discurso e fora do discurso. Quando tratamos do que está fora do discurso, partimos do ponto de que as palavras se relacionam na memória, no cérebro. Temos as *relações associativas*. No eixo associativo, as relações podem ocorrer por diferentes razões, por exemplo, *panela* pode estar associada à *paneleiro*, *janela*, *cozinha*, *comida*, etc. O exemplo que se encontra no CLG é *ensinamento*. Levando em consideração o radical da palavra, pode-se evocar *ensino*, *ensinar*; quando o comum é o sufixo, tem-se *armamento*, *desfiguramento*; as associações podem ser geradas de forma análoga ao significado: *ensino*, *educação*; e, considerando a imagem acústica, *ensinamento* e *lento* (SAUSSURE, 2006, p. 145). Neste tipo de relação, é difícil precisar a quantidade de relações que podem acontecer, também não há como determinar uma ordem. Assim, *paneleiro*, não é mais do que “[...] o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida” (SAUSSURE, 2006, p. 146).

No nível do discurso, as relações entre palavras acontecem sempre na cadeia da fala. Diferentemente das associativas, as relações sintagmáticas ocorrem em caráter linear, pois um sintagma é composto sempre de duas ou mais unidades alinhadas uma após a outra, podendo ser uma palavra composta ou, até mesmo, uma frase inteira. Os signos que estão no eixo das combinações se relacionam entre si. Um signo só tem valor quando se diferencia de outros signos presentes antes e/ou depois dele. “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva” (ibid., p.143). Outro aspecto interessante a se abordar é o de um sintagma (como frases feitas, expressões) pertencer ao nível da língua. Um sintagma deixa de ser especialmente pertencente à fala quando ele já foi registrado coletivamente, o que ocorre depois de uma grande quantidade de usos.

Optamos por alongar um pouco mais nossa reflexão a respeito de *valor* e *relação* trazendo uma reflexão sobre o capítulo VI da segunda parte do CLG, *Mecanismo da Língua*⁶. Acreditamos que este capítulo está vinculado ao anterior, pois é abordada a *solidariedade sintagmática*, ou seja, a influência de signos agrupados e vizinhos na determinação do *valor*. A solidariedade sintagmática tem sua existência justificada porque muitas unidades da língua dependem de outras que podem estar na cadeia da fala, ou daquelas que constituem sua

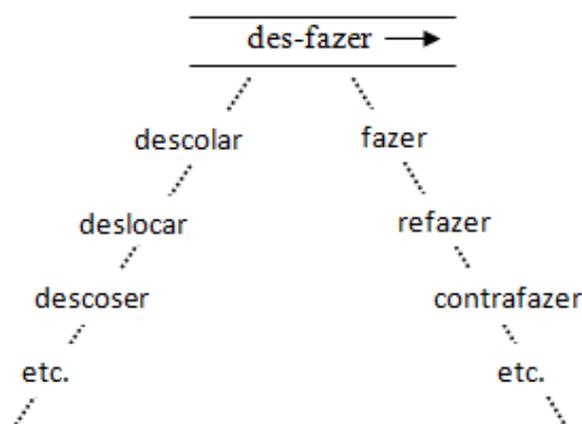
⁶ Já citamos este capítulo na introdução de nossa tese, mas somente como uma forma de incitar nossa pesquisa. O tema será melhor desenvolvido neste momento.

própria unidade. No *Curso*, a solidariedade é abordada somente sob a perspectiva da língua, ou seja, a relação entre unidades que compõem um só signo. Um dos exemplos apresentados é *caloroso*, em que a solidariedade acontece entre o radical *calor* e o sufixo *-oso*. Nesta combinação, o sufixo só existe se estiver em combinação, e por ser o seu uso comum na língua, como em *duvidoso*, *trabalhoso*. O mesmo ocorre com o radical: ele não é autônomo, precisa de outro elemento para se constituir. Segundo Saussure, “o todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto das partes entre si” (SAUSSURE, 2006, p.148, 149). Consideramos esta citação elucidatória, tanto para o assunto tratado no capítulo VI, quanto para a teoria saussuriana, uma vez que “o conceito de valor sustenta todos os demais conceitos da teoria saussuriana” (FLORES, 2011, p.23).

São chamadas sintagmas aquelas palavras que podem ser decompostas em subunidades. Tais sintagmas, mais ou menos complexos, estão reservados em nossa memória, e, quando é preciso usá-los, fazemos nossa escolha dentre os que estão no eixo associativo. Um exemplo analisado é *desfazer*, sendo o agrupamento *des* + *fazer*.

Como recém falamos, no eixo sintagmático estão todas as escolhas relacionadas. Neste caso, temos *desfazer* → . Mas, para que esse signo seja apresentado na cadeia falada, antes ele precisa estar presente em um grupo associativo, no eixo paradigmático, representado em linhas verticais:

Figura 3: Mecanismo da Língua.



Fonte: Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2006, p.150)

Partindo deste exemplo dado no CLG, podemos retomar algumas concepções de que já tratamos aqui. Podemos dizer que *desfazer* é um signo, com um significante e um

significado, mesmo que tenha sido analisado como sintagma neste momento. Esse sintagma de que falamos é o agrupamento de dois signos cuja relação é de interdependência. Além do conceito de signo, podemos falar sobre a arbitrariedade, sendo esse um signo arbitrário relativo, ou motivado, pois sua constituição parte de outro signo, *fazer*. Para falar de *valor*, trazemos uma citação de Saussure: “via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos” (ibid., p.149). O valor, constitutivo do signo, é o resultado do cruzamento dos dois eixos, sintagmático e associativo, bem como da relação entre seus constituintes, o significante e o significado. Pensando a respeito de *desfazer* e de outros ‘signos-sintagmas’, o signo, que está no eixo associativo, já é o resultado de uma relação. Tal signo ainda será relacionado com outros signos, no eixo sintagmático, de onde se terá um valor. Em outras palavras, *desfazer* já é resultante de uma relação sintagmática ainda estando no eixo das associações. E, para Saussure, agrupamentos são essenciais na língua, esse é um caso.

Passamos agora à teoria que sustenta nossa pesquisa, a Teoria da Argumentação na Língua, que tem por princípio manter-se fiel ao pensamento saussuriano, mas explicando a língua.

2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

*A essência do pensamento, tal como a essência da vida,
é o crescimento.*

Oscar Wilde

A teoria que abordaremos agora, a Teoria da Argumentação na Língua tem sido desenvolvida e aprimorada por Oswald Ducrot e seus colaboradores, Jean-Claude Anscombe e Marion Carel, há longos anos. Dizemos aprimorada porque a teoria se encontra em sua terceira forma, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), tendo passado pela primeira fase, a forma *Standard*, e depois, a Teoria dos *Topoi*. Esta ‘transformação’ pode ser criticada por alguns com o argumento de ser uma teoria instável, o que para nós representa uma evolução de pensamento. No prefácio de *O dizer e o dito*, Ducrot confirma a existência de contradições ao longo de toda teoria, e, de forma muito espirituosa, não recomenda sua leitura e compreensão “[...] para as pessoas para quem a retratação intelectual comporta um risco severo de depressão” (DUCROT, 1987, p.7).

É possível identificar nas obras, nos textos de Ducrot, ora de forma explícita, ora implícita, que a ANL tem base estruturalista. Como esta seção tem por objetivo apresentar a fundamentação teórica em que esta pesquisa se embasa, acreditamos que, antes da apresentação da Teoria da Argumentação na Língua, é importante abordar os principais conceitos da teoria relacionando-a, sucintamente, com a teoria deixada por Saussure. Num segundo momento, apresentaremos a terceira e atual forma da ANL, a Teoria dos Blocos Semânticos. Para encerrar, apresentaremos a *negação* pela perspectiva semântico-argumentativa, especificamente pelo viés da TBS, considerada um caso de Polifonia.

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Como nasce uma teoria? Será que um dia alguém acorda com ideias novas nunca antes ditas? Se isso acontece, nós não podemos afirmar com toda certeza, mas acreditamos que não. Um ponto de vista é tomado a partir de outro, seja para aceitá-lo, criticá-lo ou rejeitá-lo. E o que acabamos de afirmar também é construído a partir de outros. Quando falamos isso, é porque lemos o que o próprio criador da ANL afirma em relação à obra de Saussure. Ducrot propõe que a noção de alteridade pode ser relacionada à teoria saussuriana, principalmente no que se refere ao conceito de *valor*.

Em *O dizer e o dito* (1987), no capítulo em que mostra as bases da ANL, *Estruturalismo, enunciação e semântica*, Ducrot menciona a relação que ele vê em Saussure e Platão. Para ele, o papel constitutivo da alteridade de Platão se faz presente no interior da língua, bem como no seu uso. Mas tal assunto também é abordado no prefácio que Ducrot escreve ao livro de Carlos Vogt, *O intervalo semântico* (2009). Segundo Ducrot (2009), quando Platão estabelece os gêneros primeiros, Movimento, Repouso, Mesmo e Ser, ele acrescenta um quinto, o Outro, que é o fundamento de todos os outros. Melhor, o Repouso se define por ser outro diferente do Movimento, e vice-versa. Sua constituição depende da diferença de um outro. Ducrot consegue perceber que na noção de valor, que é definido pela relação com outros, Saussure “[...]aplicou às palavras da língua o que Platão disse sobre as Ideias” (DUCROT, 2009, p.10). Há um momento que consideramos especial neste prefácio, é quando Ducrot escreve de forma poética o que é a língua.

[...]a língua é, antes de mais nada, o lugar da intersubjetividade, o lugar onde os indivíduos se confrontam, o lugar onde encontro outrem. Ora, outrem, ou não é nada, ou é este outro constitutivo de que fala Platão, este outro que me constitui a mim mesmo, porque é somente através dele que posso me ver e é através de seu reconhecimento que posso me conhecer. Pensar que sou este ou aquele é sempre imaginar alguém que me vê como este ou aquele, e cujo olhar me constitui. Mas se outrem tem esta função constitutiva do Outro platoniano, e se a língua é, antes de mais nada, o terreno onde afronto outrem, não nos surpreenderemos com o fato de a realidade linguística ser, como viu Saussure, fundamentalmente opositiva” (DUCROT, 2009, p.11).

Ducrot continua refletindo e expandindo ainda mais esse conceito até a ANL. Para ele (2009), além da relação de valor entre signos, a alteridade pode ser vista no discurso, uma vez que um enunciado se definirá a partir das possibilidades ou impossibilidades de continuação de resposta. O mesmo pode ser pensado em relação à intersubjetividade, ou seja, nenhum locutor enuncia se não houver um alocutário. Ao mesmo instante em que se instaura um *eu*, instaura-se um *tu*. Na atual fase da teoria, a TBS, a alteridade é facilmente identificada, pois a representação de um sentido é apresentada pela relação, normativa ou transgressiva, entre dois segmentos, semanticamente interdependentes.

Dando continuidade à alteridade, Ducrot (1990) estabelece o conceito de *instrução*, que uma frase contém significações indicativas de sua continuação. Ou seja, se uma frase orienta para uma continuação, ela já prevê na língua a relação com outras, sua determinação depende de outras.

Refletindo sobre o tema desta tese, a negação, e como é vista pela ANL, a noção de alteridade é primordial uma vez que a um enunciado negativo subjaz outro positivo. Ao

proferir um enunciado, o *locutor* (ser de fala no discurso, responsável pelo enunciado) coloca em cena *enunciadores* (origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam na realização da frase) com os quais vai se relacionar. Em um enunciado *não-p*, no mínimo dois enunciadores podem ser identificados: E1 *p*, E2 *não-p*. A negação se constitui pela alteridade. Sendo mais específico, a solidariedade sintagmática de que fala Saussure também tem a alteridade como elemento essencial. Um signo como *desfazer* é composto por *des* + *fazer*; dois elementos linguísticos que constituem um(a) só significação/sentido a partir de sua relação. Muitos conceitos estabelecidos na Teoria da Argumentação na Língua têm como princípio a mútua relação entre diferentes elementos, a começar pela noção de *argumentação*.

O axioma da ANL é “a argumentação está na língua”. E o que é argumentar? É construir sentido. Pela ANL, o sentido é construído na relação entre locutor e alocutário, em um determinado tempo e espaço, na relação entre palavras e enunciados. Partindo do emprego da língua, dessas relações, Ducrot e colaboradores procuram descrever e explicar os fenômenos da linguagem, e, pelo uso, explicam que a significação já está na língua.

Como dissemos na seção 1.1.1, Saussure vê a *língua* como algo social, abstrato pois está em cada indivíduo, independentemente de sua vontade, e a *fala*, como individual e concreto, pois cada indivíduo coloca a *língua* em uso de uma forma particular. Saussure afirma que os dois objetos, *língua* e *fala*, estão estreitamente ligados. Para que a *língua* se estabeleça, é necessária a *fala*. E só há *fala*, se houver *língua*. Ducrot parte da oposição *língua/fala* – abstrato/concreto – e define *frase* e *enunciado*, *texto* e *discurso* na ANL. *Frase* é uma entidade linguística abstrata e teórica, um conjunto de palavras relacionadas de acordo com regras de sintaxe, fora de uma situação de discurso. É uma construção do linguista para explicar enunciados. *Enunciado* é a realização da *frase*, é uma realidade empírica. “[...] não vemos, não ouvimos frases. Só vemos e ouvimos enunciados” (DUCROT, 1990, p. 53)⁷. A *frase* é repetível, mas o *enunciado* não. *Texto* é uma sequência de *frases* relacionadas, pertencente ao nível abstrato. Por sua vez, *discurso* é a sequência combinada de *enunciados*, a realização de um *texto*. Sendo a ANL uma teoria semântica, como se dá o sentido na frase e no enunciado? Para começar, há uma distinção entre *significação* e *sentido*. A frase contém *significação*; o enunciado, *sentido*. É tarefa do linguista atribuir a cada frase uma significação, e, a partir dessa significação, prever o sentido do enunciado em uma dada situação de emprego. A significação da frase dá *instruções* para que se busque o sentido no enunciado. A instrução deve ser ampla, aberta. Ducrot apresenta a instrução de frases do tipo X *mas* Y.

⁷ “[...] no oímos, no vemos frases. Solamente vemos y oímos enunciados.”

“Esta instrução diz: busque no enunciado uma conclusão *r* de modo que resulte justificada por X e uma conclusão *não r*, (...) justificada por Y.”(DUCROT, 1990, p.59)⁸.

O *sentido* de um enunciado não é simplesmente a soma de significações de palavras em uma frase, pois ambos são de naturezas diferentes, parte-se da significação da frase, aplicada a uma situação de enunciação. Lembramos aqui uma nota muito importante para quem se dedica a estudar o emprego da língua, que considera Saussure em suas pesquisas. A *Nota sobre o discurso*, nos ELG, apresenta um ponto de vista sobre o discurso que até então, antes do surgimento de manuscritos, era visto com certo desprezo por quem era totalmente fiel a Saussure. Não é raro encontrarmos quem defenda a opinião de que quem estuda discurso, de modo geral, não está realizando uma pesquisa de cunho linguístico. Para Saussure, “a língua só é criada em vista do discurso [...]” (SAUSSURE, 2004, p. 237), ou seja, não há um sem o outro. E ainda,

O discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que *esperam ser postos em relação entre si* para que haja significação de pensamento (ibid).⁹

Em *La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?* (2006), Ducrot admite que, sob alguns ângulos, ele não é totalmente fiel a Saussure. Mas sua fidelidade não pode ser posta em dúvida quando se fala em *valor*, pois essa noção foi colocada no centro do seu trabalho desenvolvido sobre semântica. Juntamente com essa noção, discorreremos sobre a noção de relação. Referindo-se às relações entre significante e significado de um signo e às relações entre signos, Ducrot expressa como isso ocorre à luz da TBS. Para ele, o valor de um signo *S* se dará pelas relações de *S* com outros signos. Essas relações podem ser de dois tipos, as que constituem o significado e as que constituem o significante de *S*. O significante de *S* é constituído por meio de relações entre *S* e outros signos, relações que se manifestam no significante de *S*, como por exemplo: *ensinamento* e *armamento*. O significado de *S* também se dá por meio de relações entre *S* e outros signos, mas se manifestam na significação de *S*, por exemplo: *ensino* e *professor*. Para Ducrot, interessa somente estudar as relações entre *S* e outros signos que constituem o seu significado. O linguista francês vincula ao signo encadeamentos argumentativos do tipo X DC Y e X PT Y. Segundo Ducrot, a língua prevê

⁸ “Esta instrucción dice: busque una conclusión *r* de modo que resulte justificada por X, y una conclusión *no r*, (...) justificada por Y.”

⁹ Grifos nossos.

para o signo alguns encadeamentos, que são chamados de estruturais. Os encadeamentos contextuais são aqueles que só podem ser estabelecidos no uso. Como exemplo, Ducrot apresenta a palavra *perdoar*. O encadeamento estrutural seria do tipo *amar DC perdoar* ou *não amar PT perdoar*, e o encadeamento contextual seria *estar de bom humor DC perdoar* ou *estar de mau humor PT perdoar*.

No nível do discurso, as relações podem ocorrer entre enunciados que o compõem, e acreditamos que também aconteça entre outros discursos, por exemplo, um discurso composto por três enunciados. O sentido do E1 deve estar relacionado com o sentido de E2 e E3. O sentido de E2 também está relacionado com E3 e com E1. O mesmo acontece com E3, pois seu sentido está vinculado aos sentidos de E1 e E2.

Considerando as relações sintagmáticas e associativas, Ducrot também demonstra por meio de encadeamentos argumentativos como elas acontecem. As *relações sintagmáticas* são aquelas em que podemos relacionar dois segmentos por um conector. Em *João trabalha muito por isso comprou um carro novo*, o carro adquirido por João está relacionado com o fato de ele se dedicar ao trabalho. Quanto às *relações associativas*, exemplificaremos da seguinte maneira. Tem-se o primeiro segmento do encadeamento, *João trabalha muito DC...* . O segundo segmento pode ser *está cansado, comprou um carro novo* ou *não tem tempo para a família*. As três opções de continuções do encadeamento se encontram no eixo das escolhas, e somente uma poderá completar o sentido de *rico*.

A semântica proposta por Oswald Ducrot se caracteriza por ser estritamente linguística. Ducrot afirma que “o sentido do enunciado é a representação da enunciação” (DUCROT, 1987, p. 172), que os enunciados fazem alusão à *enunciação*, e essas alusões formam partes do sentido do enunciado. A *enunciação* é o surgimento do enunciado. O *enunciado* é o produto da enunciação, objeto de estudo.

Para a ANL, o *locutor* não é uma pessoa, ser humano, mas é um ser de fala no discurso, o responsável pela enunciação e pelo enunciado. A saber, há outros dois conceitos distintos para a Teoria da Argumentação: *sujeito empírico* e *enunciador*. Em *Polifonía y Argumentación* (1990), Ducrot define e distingue sujeito empírico (λ), locutor (L) e enunciador (E). *Sujeito empírico* é o que produz o enunciado, ser humano com vida social. Não é foco de estudo na ANL. *Enunciador* é a origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam na realização da frase, o E não tem palavras, são “vozes” implícitas ao enunciado. O enunciador é personagem importante para a teoria, principalmente no que se refere à polifonia. Devido a sua relação com a negação, tema deste estudo, optamos por apresentar a polifonia posteriormente, em um capítulo dedicado a ela.

Passamos agora à atual fase da ANL, a Teoria dos Blocos Semânticos. Em seguida, abordaremos a negação, especificamente a *lei da negação*, para depois tratá-la de modo polifônico à luz da TBS.

2.2 TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS (TBS)

O marco da Teoria dos Blocos Semânticos é o ano de 1992, com a defesa de tese de Marion Carel. Em sua tese, Carel parte dos conceitos propostos por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe, que vão desde o princípio da ANL até a Teoria dos *Topoi*, a fase vigente da ANL naquele momento. A teoria que discorreremos agora tem como princípio radicalizar o estudo do sentido linguístico, principalmente quando se trata da raiz saussuriana. Para Carel, a Teoria dos *Topoi* tratava o sentido construído com elementos extralinguísticos, fugindo, assim, da base saussuriana, pois havia uma passagem do primeiro segmento, o argumento, para o segundo, a conclusão. O *topos* permite a passagem de um encadeamento a outro, é um princípio argumentativo. Por exemplo, em *o mercado é longe portanto é difícil chegar*, o princípio que embasa é *quanto mais longe está um lugar, mais dificilmente se chega a ele*. O sentido não se construía linguisticamente, estava na realidade de estar longe e de não chegar facilmente. Logo, o princípio saussuriano de estudar a língua nela mesma não era respeitado. Conseguindo apontar os problemas presentes na Teoria dos *Topoi* e formulando uma nova teoria fortemente embasada em Saussure que estuda a construção de sentido, Carel recebeu o aval de Ducrot e sua colaboração para desenvolver a TBS.

Se uma das críticas de Carel aos *Topoi* era em relação ao sentido extralinguístico, como é o sentido na TBS? O sentido é constituído por certos discursos que uma entidade linguística evoca, representados por encadeamentos argumentativos (CAREL, 2005). Os encadeamentos são constituídos por dois segmentos, um é o aporte, e o outro, o suporte, relacionados por um conector. O segmento suporte é aquele que sustenta a argumentação; o aporte é o conseqüente. Não é a posição geográfica de antes ou depois do conector que caracteriza o aporte e o suporte. *A escola é longe* é suporte tanto em *a escola é longe, no entanto vou a pé* quanto em *vou a pé, mesmo a escola sendo longe*. O encadeamento argumentativo é do tipo X CONECTOR Y e caracteriza-se por ser normativo ou transgressivo. Os conectores são construções teóricas, portanto abstratos, e são dois de tipos: *portanto* (DC) e *no entanto* (PT). Os conectores DC e PT representam outros elementos linguísticos, tais como *logo*, *então*, *mesmo que*, *embora*, etc. Quando um encadeamento

relaciona dois segmentos com um conector do tipo de DC, temos um encadeamento normativo. Já os encadeamentos transgressivos são os que unem os segmentos com o conector do tipo de PT. A norma e a transgressão não são estabelecidas pela apreensão da realidade pelo sujeito empírico, essa oposição está no interior das palavras. Para exemplificar encadeamentos normativos utilizando expressões diferentes, trazemos

(1) *Antônio se expôs ao frio e à chuva, portanto poderá ficar resfriado*

(ficar exposto ao frio e à chuva DC ficar resfriado)

(2) *Se Antônio se expôs ao frio e à chuva então ficará resfriado.*

(ficar exposto ao frio e à chuva DC ficar resfriado)

Exemplificamos os encadeamentos transgressivos com (3) e (4):

(3) *Carlos gritou muito no jogo de seu time, no entanto não ficou rouco.*

(gritar muito PT neg-ficar rouco)

(4) *Embora Carlos tenha gritado muito no jogo de seu time, ele não ficou rouco.*

(gritar muito PT neg-ficar rouco)

A *interdependência semântica* é outro conceito proposto na TBS que retoma o princípio saussuriano de que tudo na língua está relacionado. A *interdependência semântica* se dá pela relação entre dois segmentos encadeados. Um segmento só tem sentido se pela sua relação com outro. Imaginemos uma situação em que um locutor diz:

(5) *Estamos tristes, portanto vamos ao cinema.*

O comentário do outro locutor é:

(6) *Estamos tristes, portanto não vamos ao cinema, vamos ficar em casa.*

Poderíamos levantar outros dois discursos possíveis:

(7) *Não estamos tristes, portanto não vamos ao cinema.*

(8) *Não estamos tristes, portanto vamos ao cinema.*

O sentido de *estar triste* não é o mesmo nos quatro encadeamentos. Em (5) e (7) tristeza tem como sentido um motivo para sair, *estar triste DC ir ao cinema*. Embora haja em (7) a negação nos dois segmentos, o sentido de triste é o mesmo. O mesmo acontece em (6) e (8). (6) e (8) possuem a negação em segmentos diferentes, mas o sentido de triste é o mesmo, é bom para ficar em casa, *estar triste DC neg-ir ao cinema*. O conector *portanto* (DC) relaciona de forma normativa o primeiro segmento e o segundo. O segmento A só tem sentido em relação a DC B, e B, só em relação a A DC.

Para melhor visualizar nossa exemplificação, distinguiremos A e B de X e Y. Um encadeamento é do tipo X CONECTOR Y, sendo que X e Y representam a forma, e A e B representam o sentido. Para tanto, A corresponde ao segmento X e B corresponde ao segmento Y. A negação em um segmento será representada por *neg-*. Assim sendo, os encadeamentos (5), (6), (7) e (8) são representados da seguinte maneira:

(5') A DC B

(6') A DC neg-B

(7') neg-A DC neg-B

(8') neg-A DC B

Cada um desses encadeamentos é chamado de *aspecto argumentativo*. (5') e (7') possuem o mesmo sentido, em que A é *estar triste*, e B, *ir ao cinema*. Assim, os aspectos (5') e (7') formam um mesmo *bloco semântico*. Nos aspectos (6') e (8') o sentido é o mesmo, A é *estar triste*, e B é *neg-ir ao cinema*. Esses aspectos formam um bloco, mas um bloco diferente de (5') e (7'), como veremos a seguir.

É possível construir dois blocos semânticos introduzindo encadeamentos relacionados com o conector PT, a partir dos dois sentidos de *estar triste*.

O primeiro bloco é referente à *tristeza que leva ao cinema*.

(1) *Estamos tristes no entanto não vamos ao cinema.*

(1') A PT neg-B

(2) *Não estamos triste no entanto vamos cinema.*

(2') neg-A PT B

(3) *Não estamos tristes portanto não vamos ao cinema.*

(3') neg-A DC neg-B

(4) *Estamos tristes portanto vamos ao cinema.*

(4') A DC B

O segundo bloco se refere ao sentido de *tristeza que não leva ao cinema.*

(5) *Estamos tristes no entanto vamos ao cinema.*

(5') A PT B

(6) *Não estamos tristes no entanto não vamos ao cinema.*

(6') neg-A PT neg-B

(7) *Não estamos tristes portanto vamos ao cinema.*

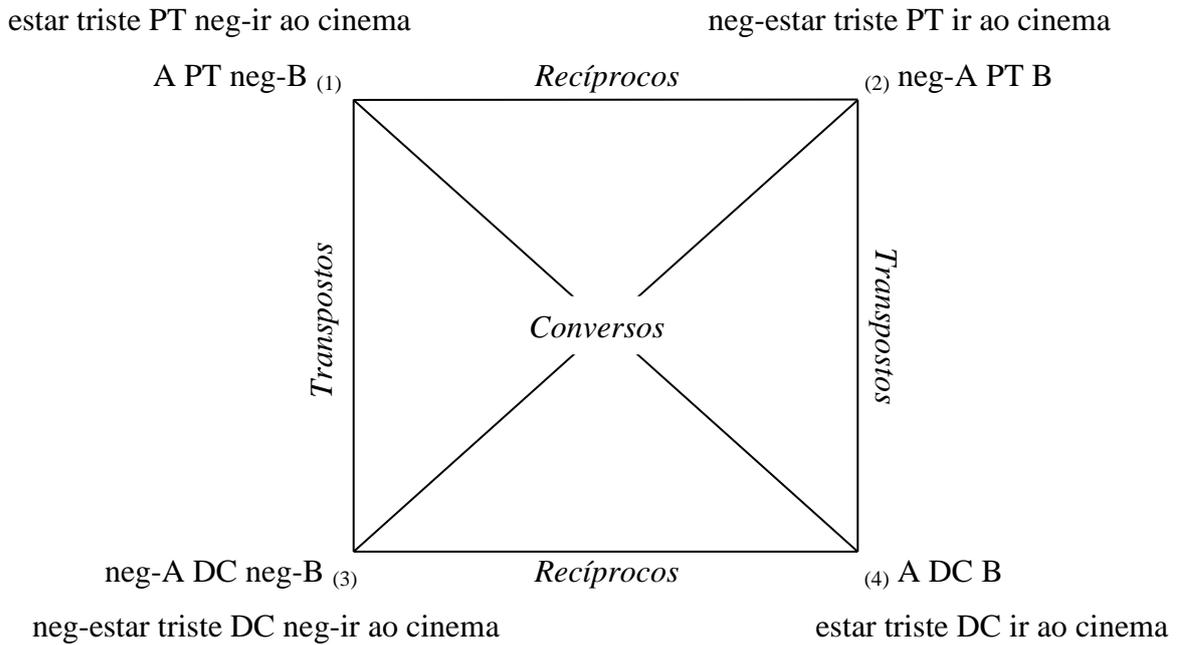
(7') neg-A DC B

(8) *Estamos tristes portanto não vamos ao cinema.*

(8') A DC neg-B

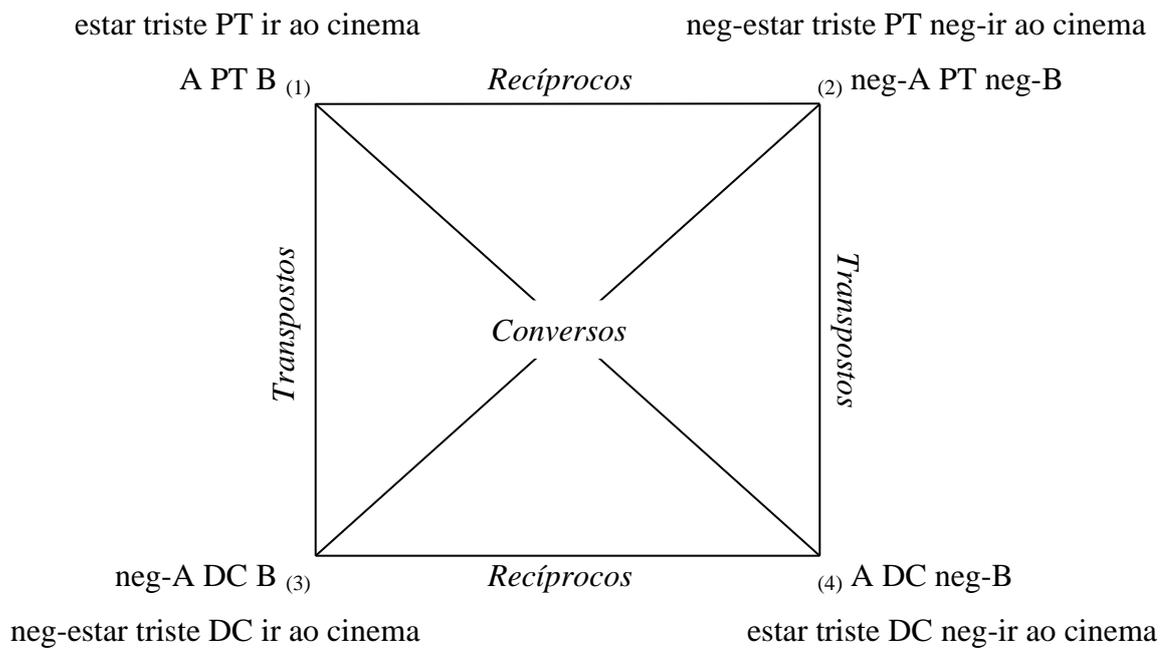
Os mesmos aspectos que apresentamos agora são abordados na TBS por meio de um quadrado argumentativo. Com o quadrado, podemos compreender como os aspectos se relacionam, o que pode acontecer de três formas: *recíproca*, *transposta* e *conversa*. Seguem os quadrados representativos dos dois blocos semânticos: *tristeza que leva ao cinema* e *tristeza que não leva ao cinema*.

Para o primeiro bloco

Figura 4: BS₁ - *Tristeza que leva ao cinema*

Fonte: figura elaborada com base em Carel e Ducrot (2005a, p. 46)

Em relação ao segundo bloco,

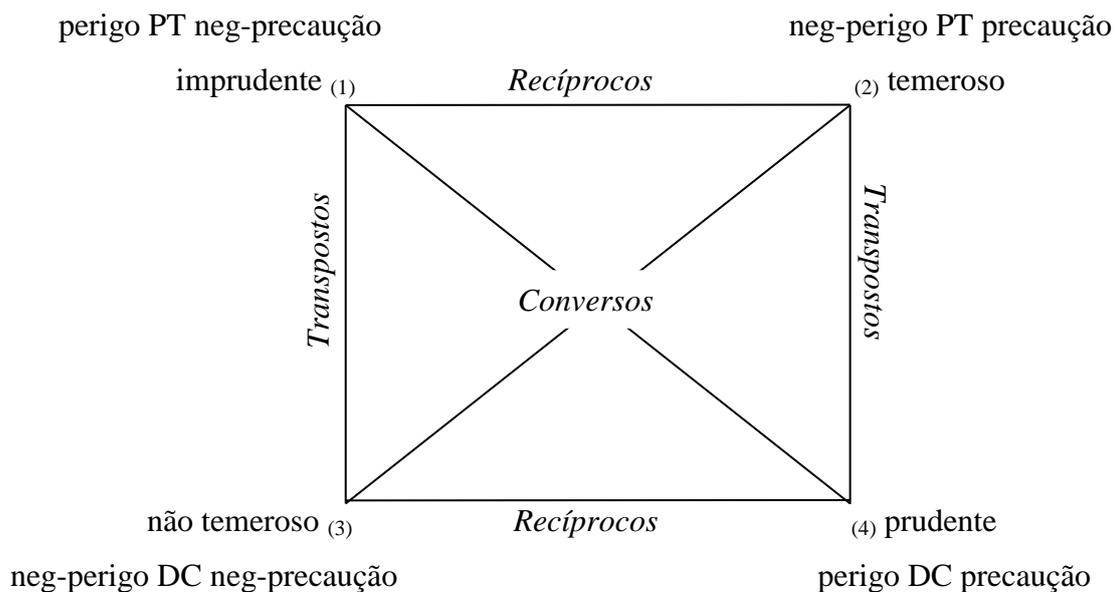
Figura 5: BS₂ - *Tristeza que não leva ao cinema*

Fonte: figura elaborada com base em Carel e Ducrot (2005a, p. 46)

Como vimos, os aspectos estão sempre em relação. Quando o locutor escolhe um aspecto normativo ou transgressivo, os demais aspectos são evocados, já que o sentido de uma entidade está ligado à sua capacidade de evocar discursos, e os aspectos constitutivos dos blocos são, justamente, os discursos evocados de determinado enunciado.

Para cada canto do quadrado, Ducrot (2005a, p.55) mostra que é possível posicionar palavras, sendo cada um dos quatro aspectos uma descrição das palavras correspondentes. Usaremos o exemplo de Ducrot: para A tem-se *perigo*, e para B, *precaução*. Em um canto do quadrado temos *imprudente*. O encadeamento, *há perigo, no entanto não toma precauções*, que corresponde a *imprudente* pertence ao aspecto A PT neg-B. Podemos ver que no ângulo 4 há outra palavra, *prudente*. O aspecto é A DC B, e o encadeamento *há perigo, portanto toma precauções*. O encadeamento do ângulo 2, *ainda que não haja perigo, toma precauções*, pertence ao aspecto neg-A PT B e descreve a palavra *temeroso*. No terceiro e último ângulo do quadrado, temos a palavra *não-temeroso*. Para o aspecto neg-A DC neg-B temos o encadeamento que descreve não-temeroso, *quando não há perigo, não toma precauções*. Com esse exemplo, mostramos que o quadrado argumentativo não serve somente para descrever o sentido de um enunciado, mas também o sentido de uma palavra.

Figura 6: Bloco semântico de prudência



Fonte: figura elabora com base em Ducrot (2005a, p. 57)

De acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, são distinguidos dois tipos de palavra, as palavras *plenas* e palavras *instrumentais*. As *palavras plenas* evocam discursos que pertencem aos encadeamentos e constituem suas argumentações interna e externa, podendo ser substantivos, adjetivos ou verbos. Sobre as *palavras plenas*, as *palavras instrumentais* de alguma forma atuam, e delas não é possível evocar um discurso ou um aspecto.

Segundo Ducrot (2005a, p.62), entre enunciados e entidades semânticas há um vínculo que pode ser tanto interno quanto externo. Para isso, as noções de argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE) serão apresentadas. Começamos com a AE. A argumentação externa de uma entidade linguística *e* são os encadeamentos em que *e* pode ser a origem, ou o fim. A entidade linguística forma parte dos encadeamentos externos que a descrevem. As AEs são à direita ou à esquerda. Se a entidade linguística é o aporte, temos a AE à esquerda; se é o suporte, fala-se da AE à direita. As argumentações externas estão sempre em pares. Quando definimos uma AE à esquerda para uma palavra plena, assume-se também o seu aspecto *transposto*. Caso seja uma AE à direita, os pares serão aspectos *conversos*. A argumentação externa pode ser tanto contextual quanto estrutural. As AE estruturais são aquelas que, previstas pela língua, formam parte da significação linguística. No caso de *prudente* temos: *prudente DC segurança* ou *prudente PT neg-segurança*. A AE contextual depende de cada situação discursiva. A AE contextual de *prudente* poderia ser *prudente DC merece confiança*, ou *prudente PT não merece confiança*.

A argumentação interna descreve uma entidade linguística, mas essa entidade não faz parte do encadeamento que a descreve. A argumentação interna é constituída por encadeamentos que servem para parafrasear a palavra. Como já mencionamos, o quadrado argumentativo pode ter uma palavra em cada ângulo. Para os quatro ângulos mencionamos, *prudente*, *temeroso*, *imprudente* e *não temeroso*, a descrição que temos para cada uma dessas entidades são suas argumentações internas. Um aspecto interessante quanto à formação das argumentações internas é a respeito da impossibilidade de termos aspectos conversos. Se encontramos um aspecto X CON Y como AI de uma palavra, não se encontrará na sua AI o aspecto converso X CON' neg-Y. Se a AI de *prudente* é *perigo DC precaução*, o seu aspecto converso *perigo PT neg-precaução* forma a AI de outra palavra, *imprudente*. É possível encontrar na AI dois aspectos recíprocos, *perigo DC precaução* e *neg-perigo DC neg-precaução*, já não se pode encontrar na AE aspectos recíprocos, pois, assim, definiriam a negação da entidade linguística.

2.2.1 Os operadores

Dentre todos os conceitos importantes estabelecidos na Teoria dos Blocos Semânticos, justificamos nossa escolha em enfatizar os operadores em uma subseção por ter nossa pesquisa focada na relação entre dois signos que, relacionados, constituem um só - os morfemas *a-*, *i(m/n)-* e *des-*.

Os operadores são elementos linguísticos, palavras instrumentais, que estão sempre em relação com uma palavra plena. Segundo Ducrot (2005b, p. 166), operador é uma palavra Y que, aplicada a uma palavra X, produz um sintagma XY cujo sentido é constituído de aspectos que contêm somente as palavras plenas já presentes na AI e na AE de X. Os operadores têm a função de reorganizar os constituintes semânticos de X. São dois os tipos de operadores: modificadores e internalizadores.

Começamos pelos modificadores. Quando ainda desenvolvia a Teoria dos *Topoi*, Ducrot percebeu a especificidade das palavras que atuam sobre outras, desenvolvendo a noção de modificador. Naquele momento, eram estudados somente os enunciados encadeados em DC. Assim, comparando com a TBS, eram estudadas somente as argumentações externas normativas. Modificador era visto como um elemento Y que, aplicado a um elemento X, modifica, reforçando ou contradizendo, as argumentações normativas de que X é o ponto de partida (DUCROT, 2005b, p. 167). Os modificadores eram classificados em desrealizantes ou realizantes. Daremos atenção aos modificadores conforme são estudados à luz da TBS.

Com essa evolução da Teoria, Ducrot passa a descrever o conceito de modificador em relação aos aspectos que reorganizam o sentido de uma palavra. Uma grande contribuição para esse estudo é a possibilidade de encadeamentos em DC e PT. É definido como modificador uma palavra ferramenta Y, que atua sobre uma palavra X, formando um sintagma XY. Para este sintagma, a AI é constituída unicamente por palavras plenas que estão presentes na AI de X. O modificador Y apenas as reorganiza, combinando-as com os conectores e a negação. Ducrot apresenta como exemplo, e enfatiza que na forma anterior se tratava de um modificador desrealizante inversor, a palavra *fácil* em relação a *problema*, ou *distante*, em relação a *parente*. Ambos os termos funcionam como negações atenuadas e atribuem a XY uma AI conversa da AI de X. Para *problema*, temos em sua AI *esforço PT neg-compreensão*. Tratando-se do sintagma *problema fácil*, encontramos o seu aspecto *converso, esforço DC compreensão*, ou seja, basta fazer esforço para compreender. Lembrando o quadrado argumentativo em que é possível definir uma palavra plena para cada ângulo, o sintagma *pouco prudente* tem a mesma AI atribuída a *imprudente: perigo PT neg-precaução*. Para

prudente, podemos também relacioná-lo com um modificador *demais*. Assim, a AI do sintagma *prudente demais* é apresentada pelo aspecto *transposto* de *prudente*, *neg-perigo PT precaução*.

Passamos aos internalizadores. Assim como os modificadores, os internalizadores são palavras instrumentais Y que, agrupadas a uma palavra plena X, modificam X, mas possuem características diferentes. Como o próprio nome já indica, a AI do sintagma XY internaliza um dos aspectos presentes na AE de X. Se o aspecto mantido é relacionado com o conector PT, temos um internalizador transgressivo; se for um conector DC, temos um internalizador normativo.

Em vão, modificando *procurar*, é o exemplo dado por Ducrot (2005b, p.172) como um internalizador transgressivo. Lembrando que a AI de sintagma XY, sendo Y um internalizador, é elaborada a partir da AE de X. Logo, partimos da AE de *procurar*. Leva-se em consideração o fato de *procurar* remeter a *encontrar*, logo a AE de *procurar* é *procurar DC encontrar*, e seu aspecto converso, *procurar PT neg-encontrar*. Tratando-se de *procurar em vão*, o melhor aspecto que representa o sentido é *procurar PT neg-encontrar*. Das duas AEs, é mantida aquela cujo conector é transgressivo. Desse modo, *em vão* é classificado como um internalizador transgressivo à direita.

Como as AEs são à direita e à esquerda, e sendo a AI de XY constituída de uma AE de X, os internalizadores transgressivos podem ser também encontrados da mesma forma. Para os internalizadores transgressivos à esquerda, Ducrot (2005b, p.175) diz que dos dois aspectos transpostos na AE de X, somente o aspecto transgressivo é conservado na AI de XY. Para *apressar-se*, podemos descrever a AE à esquerda com os dois aspectos: *estar com pressa DC apressar-se* e *neg-estar com pressa PT apressar-se*. O aspecto transgressivo, *neg-estar com pressa PT apressar-se* representa o sentido do sintagma *apressar-se sem motivo*.

De forma análoga aos internalizadores transgressivos, os internalizadores normativos se caracterizam por internalizar na AI do sintagma XY a AE de X cujo aspecto seja normativo. Ducrot trata do uso de *demais*, que pode ser tanto um modificador como também um internalizador. Consideraremos somente o internalizador agora. Falaremos da relação entre *demais* e um termo M desfavorável (negativo), em que a AI contenha um aspecto em PT. Como exemplo, *burro* é representado por *fácil PT neg-compreende* (o problema é fácil, no entanto ele não o compreende). Se fosse feita somente uma transposição, teríamos o aspecto *neg-fácil DC neg-compreende*, cujo uso não seria um internalizador. Ducrot sugere que os empregos de *demais* desse tipo sejam considerados como internalizadores normativos à direita. É preciso supor que a palavra *burro* tem em sua AE os aspectos *burro DC*

desinteressante e burro PT neg-desinteressante, ou seja, podemos dizer que tal palavra comporta numerosas duplas de aspectos. Dessa forma, é possível acrescentar *demais* para acentuar uma dessas duplas, e eliminar o conector transgressivo PT. Neste caso, se utiliza, depois de *demais*, a expressão *no entanto*, mas o conector não deve fazer alusão àquele que foi excluído pelo *demais*. De outro lado, é necessário ver que se *demais* é internalizador não é a AE de *burro demais* que ele determina diretamente, mas a sua AI.

Nas aberturas dos capítulos 1 e 2, trouxemos duas epígrafes: uma que falava de um barco lançado ao mar; a outra, do crescimento do pensamento. Da relação dos dois capítulos, das duas epígrafes, chegaremos ao próximo momento desta pesquisa: mostrar o material do casco de nossa embarcação, assim como a evolução de pensamento.

3 - O ENTRELAÇAMENTO DA NEGAÇÃO E POLIFONIA

O que prevemos raramente ocorre; o que menos esperamos geralmente acontece.

Benjamin Disraeli

Trouxemos como epígrafe deste capítulo as palavras de Disraeli por acreditar que uma pesquisa passa por diferentes momentos: no início, vontade e certeza de chegar a um resultado, embora sem muito conhecimento do objeto e do que o rodeia; no meio da pesquisa, geralmente encontra-se algo inesperado, sendo às vezes necessário abandonar, modificar o tema, ou ter a sutileza de modificar o ponto de vista para que se consiga progredir; por fim, o resultado nem sempre é igual àquele que imaginamos no início da jornada; é o nosso caso, pois modificamos, fizemos um recorte em nosso objeto de estudo. Mencionamos no capítulo introdutório desta tese de onde partimos e como chegamos ao nosso objeto de estudo. Já apresentamos alguns aspectos importantes da Teoria Saussuriana e da Teoria da Argumentação na Língua, e, neste momento, abordaremos a negação, nosso tema. No entanto, como apontamos no título do capítulo, há um entrelaçamento entre a negação e a polifonia. Em nossa pesquisa teórica, dos momentos em que encontramos a abordagem da negação, ela estava relacionada com a polifonia. E, assim como dissemos acima, a criação de uma teoria também pode passar por inúmeros estágios; para falar da negação, nos sentimos incitados a apresentar cronologicamente a construção de uma teoria capaz de explicar a não unicidade de vozes no enunciado/discurso. Nossa jornada inicia com a publicação de *Les mots du discours*.

3.1 OS PRIMEIROS PASSOS

Não pretendemos fazer aqui um dossiê da polifonia durante a evolução da ANL, nem tampouco descrevê-la totalmente; nos concentraremos em explicar a versão que apoiará nossas análises. No entanto, acreditamos ser necessário estabelecer brevemente uma ‘linha do tempo’ dos momentos em que os termos polifonia e negação foram abordados, para situá-los e mostrar a evolução de pensamento¹⁰.

¹⁰ Neste capítulo da tese, por apresentar uma evolução na construção da noção de polifonia, alguns conceitos que foram abordados no capítulo 2, onde a ANL foi exposta, poderão se repetir. No entanto, correndo o risco de sermos repetitivos, pensamos ser necessário, uma vez que são abordagens com objetivos distintos.

3.1.1 Negação e polifonia em *Les mots du discours* e *O dizer e o dito*

Nossa trajetória se dará inicialmente ao longo de um período de cerca de uma década, começando pelo ano de 1980, com a publicação da obra *Les mots du discours*. No capítulo 1, *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation*, Ducrot aborda a negação como um exemplo de polifonia. A Teoria da Argumentação na Língua estava no início de sua elaboração (se compararmos com o momento em que nos encontramos) e ainda muito vinculada com as premissas da pragmática, sendo comum encontrar, por exemplo, o emprego dos termos *ato ilocucionário* e *ato locucionário*. Grande parte do capítulo é destinada à enunciação, desde sua própria definição até conceitos importantes desenvolvidos a partir de tal. Em diferentes momentos pode-se ver a relação dessa teoria com a Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida por Austin, seguido de Searle¹¹. Um aspecto a respeito da enunciação que atualmente não é habitual a abordagem é o seu poder, ou seja, para Anscombe e Ducrot (1980) um enunciado interrogativo, como *Quando você tem aula?*, tem em sua enunciação o poder de obrigar alguém a dar uma informação que antes não era preciso.

Ao apresentar a noção de enunciação, como o surgimento de enunciados, puramente semântica, desconsiderando elementos psicológicos ou físicos, Anscombe e Ducrot (1980) defendem que a descrição da enunciação define o sentido de um enunciado. Ao desenvolver seu pensamento, Anscombe e Ducrot (1980) chegam à noção de Polifonia - uma pluralidade de vozes diferentes da do locutor refletidas no sentido do enunciado. Os autores abordam a polifonia diferenciando-a de discursos narrados, pois o discurso narrado apenas transmite o que L' disse, ou seja, as palavras de um locutor L', ao fazer parte do discurso de outro locutor L, somente são palavras relatadas, sendo L' o tema do enunciado.¹²

Posteriormente, no mesmo capítulo, encontramos o tema desta tese, a negação, apresentada como um caso de polifonia. Para tanto, alguns termos são utilizados pelo autor que ainda se mantêm, mas outros não, por isso julgamos ser importante defini-los aqui: *locutor (L)* é o autor das palavras; *enunciador (E)* é o agente do ato ilocucionário; o *alocutário (A)* é aquele para quem as palavras são ditas, e o *destinário (D)* é aquele para quem os atos ilocutórios são destinados. Anscombe e Ducrot (1980) relacionam a negação ao pensamento freudiano, sendo que um enunciado *não p* opera como um disfarce para dizer *p* de forma inconsciente e proibida. Analogamente, por um olhar argumentativo, um enunciado

¹¹ Por não descrever aqui a Teoria dos Atos de Fala, sugerimos a leitura de "AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965."

¹² Em *O dizer e o dito* (1987), no capítulo VIII - *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*, Ducrot retoma a noção de Polifonia apresentada em *Les Mots du Discours* (1980) e reformula alguns pontos de vista.

não p é visto como uma afirmação de *p*, a partir do enunciador E1, que se destina a D1, e, pelo E2, como rejeição a *p*, endereçando-se a D2. Ademais, os autores se propõem a descrever um enunciado negativo como fechando dois atos ilocucionários: um ato de afirmação de *p* (enunciador E1 ao destinatário D1), e outro ato de rejeição de *p* (enunciador E2 ao destinatário D2). Os autores julgam necessário especificar como os enunciadores e os destinatários podem se relacionar:

a) E1 e E2 não podem identificar-se com a mesma pessoa; b) E2 (aquele que rejeita) é, regra geral, identificado como locutor; c) D2 (o destinatário da recusa) é, regra geral, identificado com o alocutário, d) E1 (autor da aserção rejeitada) pode ser identificado com o alocutário, o que dá então à negação um aspecto agressivo. Se esse esquema for admitido, é preciso ver em todo enunciado negativo uma espécie de diálogo cristalizado (DUCROT, 1980, p.50).

Ainda na década de 80, vamos a 1984¹³ com a elaboração de *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*. No capítulo VIII de *O dizer e o dito*, Ducrot (1987) apresenta a Teoria Polifônica da Enunciação a partir da revisão e reformulação do que foi mencionado em *Les mots du discours*. No início de sua exposição, Ducrot procura apresentar sua teoria como sendo uma visão crítica ao trabalho de Ann Banfield e uma extensão à polifonia de Bakhtin. Sucintamente, apenas para deixar o leitor a par do que pensam os dois autores, Bakhtin¹⁴, na visão de Ducrot (1987), percebe que há nos textos, principalmente literários, várias vozes simultâneas, sem predominância de poder ou importância; são vozes equipolentes. Para Ducrot, no entanto, Bakhtin “não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz” (DUCROT, 1987, p.161), aspecto ao qual Ducrot quer se dedicar. Quanto ao estudo do estilo indireto livre proposto por Banfield¹⁵, Ducrot (1987) destaca a noção de “sujeito de consciência”, criado pela autora, como a fonte de um ponto de vista, diferente do autor do enunciado. No entanto, neste momento em que Ducrot poderia encontrar nesta pesquisa um ponto de partida polifônico, a autora estabelece duas formulações para manter a unicidade do sujeito falante: 1) só pode haver um sujeito de

¹³ Dizemos 1984 por ser o ano de publicação da obra original em francês, *Le dire et le dit*. No entanto, nossas citações retiradas de *O dizer e o dito* são datadas em 1987, por se tratar da versão em português.

¹⁴ O conceito de polifonia é tratado por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1981.

¹⁵ Sugerimos a obra de Banfield *Unspeakable Sentences: Narration and Representation in the Language of Fiction*. Boston : Routledge & Kegan Paul, 1982.

consciência para cada enunciado; 2) caso o sujeito de consciência não seja ser empírico do enunciado, esse não possui locutor.

Acreditamos que por uma questão didática, como sempre em seus trabalhos, Ducrot separa o capítulo VIII de *O dizer e o dito* em 18 partes, direcionando-as para a concepção de polifonia. Dentre os dezoito pontos estão definições importantes e essenciais para a formulação de uma teoria polifônica: o que é ‘pragmática linguística’; enunciado e frase; enunciação; significação e sentido; enunciador e locutor. Ducrot mantém sua posição em relação à frase (objeto teórico que possui significação), enunciado (manifestação da frase, dado observável, que contém um sentido), e reforça a necessidade de separar o que é observável do que é teórico para por razões metodológicas de pesquisa. Assim como em *Les mots du discours*, a trajetória polifônica inicia a partir do conceito de enunciação - “[...] acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1987, p. 168). Para os estudos do linguista francês, não importa quem produziu um enunciado, somente que ele apareceu. Junto a essa definição, são abordados dois personagens, seres distintos quando se fala em enunciação, e aqui surge uma inovação em relação ao postulado na obra *Les mots du discours*, o locutor e o enunciador. Para o locutor, primeiramente, Ducrot diz que é aquele “a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa” (DUCROT, 1987, p.182). Como exemplo, imagina-se uma autorização escolar que deve ser assinada. Embora seja preciso apenas completar o que já está escrito com o nome e assinatura, o responsável pelo enunciado é o locutor indicado pelo pronome *eu*, em “Eu, fulano de tal, autorizo...”. Assim, há duas pessoas físicas, seres empíricos envolvidos na escritura da autorização, mas, para esta teoria, o responsável pela enunciação é aquele locutor (ser de discurso) marcado por elementos linguísticos indicativos de primeira pessoa.

Na própria concepção de locutor, o pesquisador francês distingue outros dois: o locutor enquanto tal (L) e locutor enquanto ser no mundo (λ). O L é o responsável pela enunciação, enquanto λ é a origem do enunciado, o ser no mundo referido em tal. Como exemplo, Ducrot (1987) traz a interjeição em um enunciado do tipo *Ai de mim!*. Neste caso, o L se engaja enunciativamente e é a ele que se atribui tal sentimento; o λ é aquele ser no mundo que enuncia sua tristeza. Assim, o L realiza o ato de anunciar a tristeza afirmando que λ está triste.

Quanto ao enunciador, Ducrot reformula sua concepção. Em *Les mots du discours*, enunciador era visto como o sujeito dos atos ilocutórios, no entanto, os enunciadores não são

ligados a nenhuma fala. Assim, essa noção foi alterada para os responsáveis pelos atos ilocutórios apresentados no enunciado pelo L.

Dois aspectos da linguagem, considerados casos de polifonia, abordados na obra *Les mots du discours* são revisitados. O primeiro é a pressuposição. Anteriormente, em *Pedro parou de fumar*, Ducrot acreditava que um locutor realizava dois atos: um ato de pressuposição - *Pedro fumava antes* -, e outro de asserção - *Pedro não fuma mais*. No entanto, o mesmo enunciado é agora (no momento da escritura de *O dizer e o dito*) visto como tendo dois enunciadores responsáveis pelo pressuposto e pelo posto. Logo, o enunciador E1, responsável pelo pressuposto que *Pedro fumava anteriormente*, é assimilado a uma voz coletiva, enquanto que o E2, é assimilado ao locutor, aquele que afirma que *Pedro não fuma mais*.

O segundo aspecto linguístico é a negação - nosso grande interesse. Tendo a noção de enunciador modificada, as vozes apresentadas em um enunciado negativo precisam ser reavaliadas. Em *Pedro não é gentil*, dois pontos de vista opostos são apresentados assimilados a dois enunciadores distintos: *Pedro é gentil* é assimilado ao E1, enquanto *Pedro não é gentil* ao E2. O autor sustenta que grande parte dos enunciados negativos são polifônicos pois apresentam dois pontos de vista antagônicos, sendo um positivo e o outro negativo. Ducrot (1987) parte da relação entre a negação e a afirmação para desenvolver sua polifonia, ou seja, a afirmação está fundamentalmente presente na negação, mas nem toda negação está na afirmação. Além disso, o pesquisador a classifica de três formas distintas: a negação metalinguística, a negação polêmica e a negação descritiva. Sucintamente, vejamos os três tipos.

A negação metalinguística se caracteriza por contradizer os termos de uma fala efetiva à qual se opõe, opondo assim dois locutores. Esta negação é capaz de cancelar a pressuposição do enunciado positivo subjacente. Por exemplo, *Pedro não parou de fumar: de fato, ele nunca fumou na sua vida*. Aqui, *parou de fumar* não pressupõe *fumava antes*, como é visto na pressuposição, por se tratar de uma resposta a outro locutor, cujo enunciado teria sido *Pedro parou de fumar* (DUCROT, 1987, p.203, 204).

A negação polêmica, diferente da metalinguística, não opõe dois locutores, mas dois enunciadores. Além disso, na negação polêmica, os pressupostos positivos do enunciado são mantidos. Em *Pedro não é inteligente*, temos um enunciador E1, *Pedro é inteligente*, que se opõe ao E2, *Pedro não é inteligente*, assimilado pelo locutor. É relevante ressaltar que, para Ducrot, a maioria dos enunciados negativos é de negação polêmica (ibid, p.204)

A negação descritiva é considerada um delocutivo da negação polêmica, isso significa que, quando digo que *Pedro não é inteligente*, atribuo-lhe a propriedade que justificaria a posição do locutor em um diálogo subjacente à negação polêmica, ou seja, dizer que alguém não é inteligente é dar uma propriedade oposta a um enunciado positivo, ele é inteligente (ibid.).

3.1.2 A negação e a polifonia em *Polifonia y argumentación* e em *La argumentación en la lengua*

Polifonia y argumentación (1990) é uma obra resultante de uma série de conferências realizadas na Universidad del Valle, em Cali, Colômbia, no ano de 1988. Ao longo dos capítulos e conferências, alguns conceitos são retomados visto que, justamente, são conferências proferidas em momentos distintos. Há dois aspectos principais nesta coletânea de conferências, a Polifonia e a Teoria dos *Topoi*. A leitura que se faz é fluida, pois de forma crescente é possível chegar ao estabelecimento de tais conceitos. Primeiramente, a polifonia é abordada, seguida da nova (considerando o momento) versão da ANL, a Teoria dos *Topoi*.

Ducrot inicia o primeiro capítulo relacionando e diferenciando a sua teoria polifônica daquela criada por Bakhtin¹⁶. Em seguida, o autor apresenta os conceitos dos personagens presentes nos enunciados, ou seja, segundo ele, em um enunciado, o autor nunca se expressa diretamente, ele coloca em cena alguns personagens com importâncias diferentes (DUCROT, 1990). Ao afirmar a não singularidade de vozes, Ducrot vai desenvolvendo sua visão polifônica. Para ele, o sujeito falante desempenha os papéis de *sujeito empírico (SE)*, *locutor (L)* e *enunciador (E)*. Na elaboração de tais, Ducrot (1990) mantém sua posição apresentada em momentos anteriores ao afirmar que o *sujeito empírico* não deve ser interesse de estudo de um semanticista, pois não é de responsabilidade sua saber quem, pessoa física, pronunciou um enunciado específico. O *sujeito empírico* deve ser objeto de estudo de outras áreas. Ao linguista semanticista cabe estudar o *locutor*, ser de discurso, responsável pela enunciação de um enunciado, aquele representado por marcas de primeira pessoa do singular (eu, meu, minha, etc.). Chamamos atenção para o fato de que, neste capítulo, Ducrot mantém somente uma definição para *locutor*, diferente de em *O dizer e o dito* (1987), em que o locutor poderia ser locutor enquanto tal e locutor enquanto ser no mundo.

¹⁶ Considerando que já foi mencionada anteriormente a diferença entre a polifonia de Ducrot e Bakhtin, e é semelhante à apresentada em *Polifonía y Argumentación*, não nos deteremos a explicá-la novamente.

Os *enunciadores* são “[...] as origens dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado. Não são pessoas, mas pontos de perspectivas abstratos”¹⁷ (DUCROT, 1990, p.20). Na segunda conferência, Ducrot distingue três elementos essenciais para a construção de sentido de um enunciado. O primeiro é a apresentação dos pontos de vista dos diferentes enunciadores. Assumindo que há diferentes pontos de vista, cabe ao *locutor* tomar uma certa posição em relação aos *enunciadores* - segundo elemento. Para Ducrot (1990), o *locutor* pode identificar-se com um *enunciador* quando quer impor seu ponto de vista, tal como em uma afirmação - *Pedro veio*. Outra posição do locutor é concordar, mesmo que não tenha por objetivo apresentar seu ponto de vista por meio desse enunciador, como em casos de pressuposição. Outra atitude é de oposição, como na ironia. O terceiro elemento na construção de sentido é a assimilação de um enunciador a uma pessoa.

Falaremos sobre a negação. Ao explicar os enunciadores, Ducrot (1990) utiliza a negação como exemplo polifônico. Não é novidade para nós que Ducrot relaciona a negação polifônica com a negação de Freud, pois já mencionamos anteriormente. A negação freudiana é polifônica pois, em um enunciado negativo, são expressas a voz da libido - enunciado *P* -, e a do superego - enunciado *não-P*. Assim, com um enunciado negativo é possível agradar a todos, pois pode-se dizer uma coisa e negá-la ao mesmo tempo. A concepção linguística da negação proposta por Ducrot lembra a freudiana, pois “um enunciado negativo é uma espécie de diálogo entre dois enunciadores que se opõem um ao outro”¹⁸ (DUCROT, 1990, p. 23), e mais, “direi que o enunciado negativo é uma espécie de pequena obra de teatro com dois personagens a quem chamo enunciadores”¹⁹ (DUCROT, 1990, p. 25). Em *não-p*, o locutor apresenta em sua enunciação dois enunciadores: E1 expressa o ponto de vista *p*, assimilado a qualquer personagem diferente do locutor; E2 apresenta o ponto de vista *não-p*, que se assimila ao locutor.

No decorrer das conferências, Ducrot chega ao estabelecimento da Teoria dos Topoi. Mesmo sem ser o momento da ANL que utilizado em nossas análises, é oportuno expor seus princípios básicos para compreender o percurso da negação dentro da ANL. Faremos aqui um elo entre duas obras em que a Teoria dos Topoi foi apresentada: a que estávamos abordando até aqui, e *La argumentación en la lengua* (1994). Essa última é a versão espanhola de *L'argumentation dans la langue*, publicada originalmente em 1983, tendo o último capítulo

¹⁷ Tradução livre de “[...] a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado. No son personas sino ‘puntos de perspectiva’ abstractos”.

¹⁸ Tradução livre de “un enunciado negativo es pues una especie de diálogo entre dos enunciadores que se oponen el uno al otro”.

¹⁹ Tradução da autora para “diré pues que el enunciado negativo es una especie de pequeña obra de teatro con dos personajes a quienes llamo enunciadores”.

sofrido alteração, justamente aquele que remete à Teoria dos Topoi. Anscombe e Ducrot (1994) se preocuparam em determinar o que para eles é *topos*, pois, por ser um termo aristotélico, pode remeter seu trabalho a mecanismos lógico-psicológicos da argumentação, o que não é de interesse. Considerando que o objeto de estudo são discursos argumentativos, “[...] encadeamentos de dois segmentos A e C, dos quais um se apresenta como argumento que justifica o outro como conclusão²⁰” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 217), o *topos* é um princípio argumentativo, a garantia que possibilita a passagem de A até C. Além disso, Anscombe e Ducrot (1994) afirmam que o *topos* é o ponto de articulação entre a língua e o discurso argumentativo. Garantindo esta passagem entre A e C, Ducrot (1990) e Anscombe e Ducrot (1994) veem três características principais: ser comum, ser geral e ser gradual. Quando um *topos* é comum, ele é aceito pela coletividade, é o lugar comum ao enunciador e a outras pessoas; o *topos* é geral quando é apresentado como válido a uma situação de fala e em inúmeras situações semelhantes; é gradual na medida em que coloca em relação duas propriedades graduais, duas escalas - um *topos* T relaciona uma escala anterior P com uma escala posterior Q. Outro termo importante para a segunda fase da ANL é *forma tópica (FT)*. O *topos*, que relaciona P e Q, pode aparecer sob formas diferentes: $\langle +P, +Q \rangle$; $\langle -P, -Q \rangle$; $\langle +P, -Q \rangle$, e $\langle -P, +Q \rangle$, tendo assim, *quanto mais P, mais Q; quanto menos P, menos Q; quanto mais P, menos Q, e quanto menos P, mais Q* (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994).

Nosso interesse em abordar o *topos* se deve a um momento específico dedicado à negação, em *La argumentación en la lengua* (1994). Cabe aqui uma ressalva: nessa obra, antes de ser apresentada a Teoria dos Topoi, há um capítulo sobre a negação. Ou seja, no mesmo livro, o tema foi abordado duas vezes de formas distintas. Não pretendemos enfatizar o modo como a negação era vista, por estar ainda fortemente relacionada com questões retóricas e lógicas. Era possível perceber a negação a partir de cálculos, como por exemplo: “[...] se C_1 e C_2 são dois conteúdos e se um frase comporta o conteúdo [C_1 e argumento para C_2], se pode reescrever [$\sim C_1$ é argumento para $\sim C_2$]” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 143 e 144). Já no capítulo VI, sobre o *topos*, os autores apontam que a negação reflete em uma inversão argumentativa, ou seja, as conclusões de um enunciado p e $\sim p$ devem ser opostas. Vejamos o exemplo dado. Em *Pedro não é alto*, o locutor apresenta dois enunciadores: E1 aplica uma forma tópica antecedente “quanto mais estatura se tem,...”; E2, cujo locutor se identifica, aplica a forma tópica “quanto menos estatura se tem, ...”. Se considerarmos que a estatura propicia conseguir algo, o enunciado positivo *Pedro é alto*

²⁰ Tradução livre de “[...] los encadenamientos de dos segmentos A y C, de los cuales uno se presenta como argumento que justifica el otro dado como conclusión”.

convoca a forma tópica “quanto mais estatura se tem, mais se pode fazer”. Logo, a conclusão é de que *Pedro poderá fazer isso*. Já *Pedro não é alto*, tem como FT “quanto menos estatura se tem, menos se pode fazer”, ou seja, remete a uma conclusão oposta ao enunciado positivo, *Pedro não poderá fazer isso*.

Passamos agora à atual fase da ANL, a Teoria dos Blocos Semânticos, evidenciando o olhar desta teoria para a negação e a polifonia.

3.2 AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS NOS CONCEITOS DE POLIFONIA E NEGAÇÃO

Deste capítulo dedicado ao nosso tema de pesquisa, vimos até agora abordagens de fases anteriores da Teoria da Argumentação na Língua, importantes para ter ciência da relevância de tais noções para a teoria. Nos dedicaremos a apontar a negação a partir do viés da TBS. Primeiramente, Ducrot e Carel estabelecem uma *Lei da Negação* (2005), que será, posteriormente, revista como uma forma de polifonia (2008).

3.2.1 A lei da Negação

Lembrando que em *O dizer e o dito* (1987), Ducrot classificava a negação de três formas distintas, Ducrot e Carel (2005) desenvolvem somente a polêmica quando estudam a negação pela Teoria dos Blocos Semânticos. Em *La Semántica Argumentativa* (2005), encontramos na quarta conferência, *Los efectos semánticos de las operaciones sintáticas*, a negação, ou melhor, a lei da negação que, a partir do quadrado argumentativo, considera encadeamentos em PT e a AE à esquerda em sua descrição, o que não era feito na lei da negação anterior. No caso, se uma palavra tem uma conclusão C, sua negação tem a conclusão neg-C.

Para compreender o sentido de uma expressão *neg-e*, é preciso considerá-la como uma transformação de *e*; a negação será sempre descrita a partir de sua afirmação *e*. Assim, a AE de *neg-e* será definida a partir da AE de *e*, e o mesmo acontece com a AI. Antes de iniciar os exemplos, cabe lembrar que uma entidade linguística pode ser descrita pela sua argumentação externa (AE) e pela sua argumentação interna (AI). A AE ocorre sempre em pares; se a AE é à direita, os aspectos evocados são conversos; à esquerda, os aspectos são transpostos.

Quando definimos a AE, à direita ou à esquerda, de uma entidade *neg-e*, temos o **aspecto recíproco** da AE de *e*. Utilizamos o mesmo exemplo dado por Ducrot, *prudente* e *não prudente/imprudente*. Para *prudente*, temos como AE à direita os aspectos conversos

prudente DC segurança
prudente PT neg-segurança.

De acordo com a tese, o aspecto recíproco será o responsável por representar o sentido negativo

neg-prudente DC neg-segurança
neg-prudente PT segurança

Quando se tem a AE à esquerda, a mesma regra se aplica. A diferença é somente em relação aos aspectos evocados na AE de *prudente*, transpostos.

medo DC prudente
neg-medo PT prudente

Para *imprudente* ou *não prudente*, atribuímos os aspectos recíprocos

neg-medo DC neg-prudente
medo PT neg-prudente

Tratando a negação pela sua AI, sua descrição será definida pelo **aspecto converso** da AI da entidade positiva *e*. Assim, para a AI de *imprudente*, atribuímos-lhe o aspecto converso de *prudente*.

Prudente: perigo DC precaução
Imprudente: perigo PT neg-precaução

A lei da negação só não pode ser aplicada às entidades paradoxais. Como não pretendemos aprofundar nossa pesquisa na negação de tais entidades, não nos deteremos a dar

exemplos agora, nem discorrer mais sobre o assunto. Acreditamos ser uma tarefa árdua tratar a negação de forma global, total, considerando todas as especificidades da linguagem.

Entraremos agora na Polifonia tratada à luz da TBS, onde a pressuposição e a negação são estudadas.

3.2.2 A polifonia pela TBS: a pressuposição e a negação

No texto *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*, Ducrot e Carel (2008) abordam a polifonia sob a perspectiva da TBS, incluindo a pressuposição e a negação como formas polifônicas. Como a polifonia faz parte da ANL, e a ANL sofreu reformulações, a noção de polifonia também foi revisitada. Um dos pontos reformulados foi a relação entre locutor e enunciador, e é por este tópico que Ducrot e Carel iniciam o artigo. Antes, o locutor colocava em cena os enunciadores e sua relação com os enunciadores era de identificação, aprovação ou oposição. Já pela TBS, o locutor tem duas tarefas quanto aos enunciadores: de assimilação e de atitude.

A primeira tarefa é assimilar os enunciadores a um personagem. Em alguns casos, a assimilação pode ser atribuída a um ser determinado, em outros, a seres indeterminados. Ducrot e Carel (2008, p.07) trazem como exemplos:

- (1) *Eu me sinto cansado.*
- (2) *Segundo meu médico, estou cansado.*
- (3) *As pessoas que pensam sabem que p.*
- (4) *Parece que fará bom tempo amanhã.*

Em (1) e (2), os enunciadores são assimilados a seres determinados, sendo (1) assimilado ao próprio locutor, é do L a origem dos pontos de vista; em (2) temos a posição do médico. Embora se fale do cansaço de L, o sentido de cansaço é diferente: um é o cansaço visto pelo locutor, e outro é visto sob outro aspecto, o do médico. Já em (3) e (4) não é possível identificar os personagens, pois são indeterminados. Poderia haver uma objeção em (3) ao dizer que os enunciadores são assimilados a pessoas. Mas quem são essas pessoas? Não é possível identificar. Em (4), o L expressa seu ponto de vista a respeito do tempo, mas não é possível identificar quem autorizou o L a dar sua opinião, de quem são as vozes que subjazem ao enunciado do L.

Assumir, concordar ou opor-se, são essas as opções de posição que o locutor deve tomar frente aos enunciadores. Quando o L assume um enunciador, ele impõe seu ponto de vista no enunciado, ou seja, L impõe o ponto de vista do enunciador enquanto ponto de vista da personagem à qual o enunciador é assimilado. Retomamos (1) como exemplo. Além de assimilar ao próprio locutor a origem do ponto de vista na enunciação, o L impõe ao interlocutor o cansaço que ele sente. Caso o locutor concorde com os enunciadores, ele não pode discordar deles ao longo de sua enunciação. É o caso da pressuposição. *Pedro parou de fumar* possui dois enunciadores, sendo (E1) o pressuposto, e (E2) o posto.

Pedro parou de fumar

(E1) Pedro fumava antes.

(E2) Pedro não fuma agora.

O locutor concorda com E1 e assume E2. Como dissemos, o L não pode opor-se a E1, caso contrário, o enunciado não teria mais sentido. Seria como: *Pedro parou de fumar, quer dizer, ele nunca fumou*. Somente o interlocutor poderia opor-se a E1, mas haveria uma quebra no diálogo. Se, ao invés de concordar com os enunciadores, o locutor opõe-se a eles, L não poderá assumir ou concordar com os enunciadores posteriormente. Aqui, ocorre o contrário do caso da concordância.

Ducrot e Carel abrem a possibilidade de combinar qualquer tipo de assimilação com qualquer forma de atitude. Pode acontecer de o locutor assumir um ponto de vista e não assimilá-lo a si mesmo. Em (4), *parece que fará bom tempo*, o enunciador é assimilado a outro que não o locutor, mas não o proíbe de impor seu ponto de vista referente ao tempo. No caso da autoironia, o locutor apresenta suas opiniões, mas distancia-se delas, ou seja, ao mesmo tempo em que o locutor assimila o enunciador, ele se recusa a assumi-lo. Seria como *essa é minha opinião, mas ninguém é obrigado a compartilhá-la*.

Sob a perspectiva da TBS, a polifonia descreve a pressuposição e a negação. Pela TBS é possível modificar descrições polifônicas que não são argumentativas. Ducrot renuncia a qualquer descrição não linguística. Ele parte da noção saussuriana de que o significado não é nem uma coisa nem uma ideia. Na polifonia, não se pode relacionar a natureza dos enunciadores à noção pragmática de ato ilocutório, de forças ilocutórias. Linguisticamente, trata-se de encadeamentos argumentativos, sequência de enunciados ligados por um conector, introduzidos no discurso pelo enunciador.

Na polifonia, a argumentação interna e a argumentação externa têm papel importante. Lembrando, a AE tem como parte do encadeamento a própria expressão. Se a expressão é o suporte do encadeamento, temos a AE à direita; no caso da expressão ser um aporte, temos a AE à esquerda. Nos exemplos que abordaremos, há sempre dois encadeamentos para cada AE, sendo um normativo e outro transgressivo; sempre que temos um encadeamento normativo, temos um transgressivo, pois a norma e a transgressão são evocadas simultaneamente. No exemplo de *João foi prudente*, temos

AE à direita: (a) João foi prudente portanto não teve acidente.

(b) João foi prudente, no entanto teve acidente.

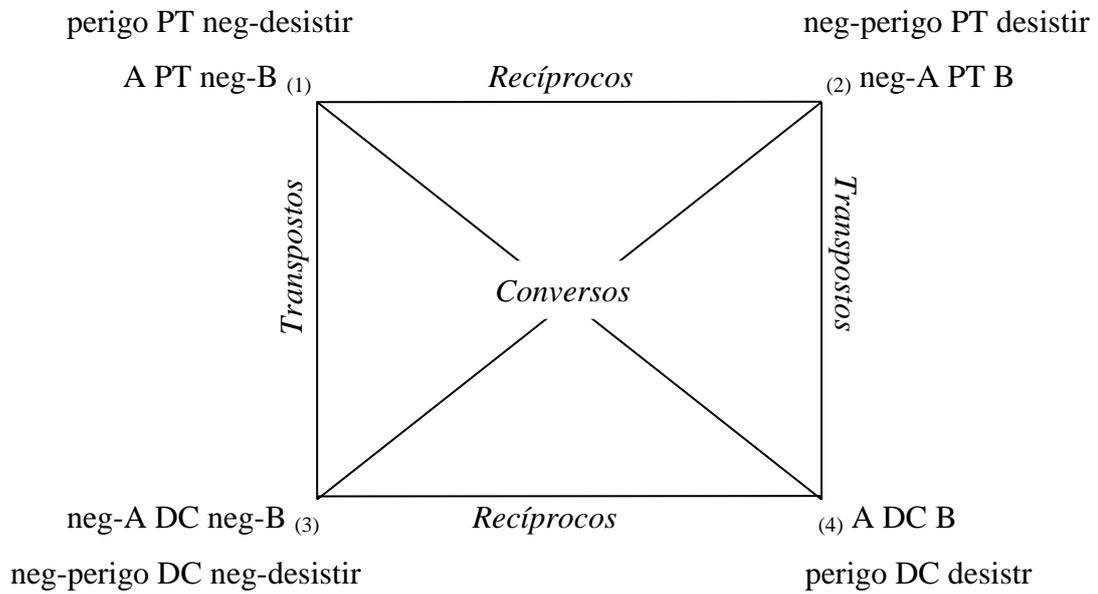
AE à esquerda: (a) João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente.

(b) João não foi prevenido do perigo, no entanto foi prudente.

Para demonstrar a permanência da argumentação interna na polifonia sob a perspectiva da TBS trazemos o exemplo de *prudente*. Como AI de *prudente*, temos *perigo DC precaução*. Levou-se a colocar no interior da AI encadeamentos evocados. Quando temos o encadeamento *havia perigo, portanto João tomou precauções*, é evocado o encadeamento *a situação não era sem perigo, então João tomou diversas precauções*.

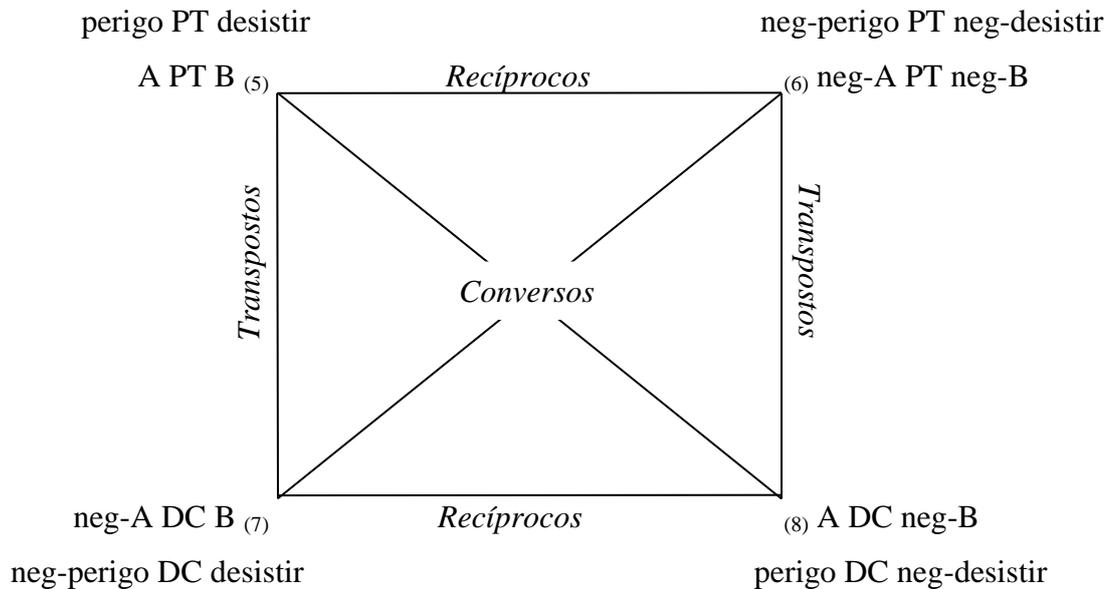
Na descrição polifônica, no caso da negação, por exemplo, pode-se ver que um aspecto evoca outro. Num enunciado, a parte positiva evoca três enunciadores. Do mesmo modo, a parte negativa evoca também três enunciadores. Tomamos por exemplo o suporte *ser uma ação perigosa* e o aporte *desistir de agir*, encadeados normativamente ou transgressivamente. Assim, os encadeamentos podem ser reagrupados em oito aspectos, em dois blocos semânticos de quatro aspectos. O bloco semântico 1 e o bloco semântico 2 são contrários. Um estimula a desistência, e o outro, a ação.

Figura 7: Bloco semântico 1



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot e Carel (2008, p. 11)

Figura 8: Bloco semântico 2



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot e Carel (2008, p. 11)

Pelo quadrado argumentativo é possível explicar polifonicamente a AI de um enunciado negativo, como *João não foi prudente*. Um enunciado negativo faz alusão a um enunciador positivo e um negativo.

(E1) *João foi prudente*

(E2) *João não foi prudente*

Nesse caso, o locutor assume o E2 e se opõe ao E1. Assim, o locutor opõe-se ao aspecto *perigo DC desistir*, e assume o aspecto converso transgressivo, *perigo PT neg-desistir*. Os dois aspectos pertencem ao mesmo bloco, desse modo, ambos têm o mesmo sentido. Um aspecto ser normativo e outro transgressivo não significa terem sentidos opostos; é justamente essa relação norma/transgressão que estabelece um sentido único do bloco: perigo que conduz à desistência. Cabe ao locutor assumir a norma ou a transgressão na enunciação.

Com relação à pressuposição, a TBS traz importantes modificações. Anteriormente, Ducrot estabeleceu que a pressuposição poderia ser de três tipos: descrições definidas, estruturas proposicionais factitivas e construções sintáticas que indicam a continuação ou a cessação de um estado. Das três, somente a descrição definida será mantida. Vejamos como funcionavam os dois tipos de pressuposição rechaçados, além de ver como se pode resolver os casos pela TBS.

O primeiro é referente às estruturas factitivas. Nesse caso, o enunciado *João sabe que p* tem como pressuposto *é verdade que p*, como posto, *João acredita que p*. Só será usado *se p* se estiver fundamentado na verdade de p. Não se pode ter o sentido de *João sabe que p* se o enunciado for separado em dois enunciadores. A TBS coloca *p é verdadeiro DC X pensa que p* como argumentação interna do enunciado, não separando em posto e pressuposto. É a interdependência entre aporte e suporte que produz sentido.

No caso de verbos que indicam sucessão de estados, há novamente a rejeição da divisão dos enunciadores em pressuposto e posto. Em *João continua a fumar*, tinha-se o pressuposto *João fumava* e o posto *João fuma*. Ao falar de estado, Ducrot afirma que a realidade presente é uma continuação da realidade passada. Pela TBS, a argumentação interna do enunciado é *ter fumado DC fumar*, tornando assim pressuposto e posto interdependentes semanticamente.

Dissemos que o pressuposto é mantido nas descrições definidas. A pressuposição só é mantida pela negação, pelo efeito da negação sobre a AI de uma expressão. Na AI de uma

expressão negativa os encadeamentos são conversos àqueles expressos na expressão positiva. Se temos para *João é prudente* o aspecto *perigo DC desistência*, temos para *João não é prudente* o aspecto converso *perigo PT neg-desistência*. Na descrição da negação, a AI é constituída de encadeamentos em que o suporte é o que se chamava de pressuposto, e o aporte é o que se chamava de posto. Nesta teoria, a negação é vista pela sua oposição a encadeamentos positivos. No enunciado negativo, faz-se alusão a um enunciador do enunciado positivo correspondente.

Para tratar da negação, seguimos o exemplo claro de Ducrot e Carel sobre a descrição do enunciado negativo *p' João não foi prudente*. Para tanto, iniciamos a análise pela significação da frase positiva *P*. Para a significação de *P* é necessário levantar os aspectos correspondentes às AE (direta e esquerda) e à AI, além de seus encadeamentos. Como a AE se dá sempre em pares, temos na AE à direita dois aspectos conversos:

(AE_{d1}) *João foi prudente, portanto saiu em segurança.* / **prudência DC segurança**

(AE_{d2}) *João foi prudente, no entanto não saiu em segurança.* / **prudência PT neg-segurança**

Já na AE à esquerda, temos dois aspectos transpostos:

(AE_{e1}) *João tinha sido prevenido, portanto foi prudente.* / **ser prevenido DC ser prudente**

(AE_{e2}) *João não tinha sido prevenido, no entanto foi prudente.* / **Neg-prevenido PT prudente**

Para essa abordagem, utilizaremos como AI da frase o aspecto:

(AI) **perigo DC precaução**

Depois de verificar a AE e a AI da frase, partimos para a análise do enunciado *p*. Para *p*, levantamos três enunciadores:

E1 – *João foi prudente, portanto saiu em segurança.* / **prudente DC segurança**

E2 – *João tinha sido prevenido, portanto foi prudente.* / **ser prevenido DC prudente**

E3 – *houve perigo, portanto tomou-se precaução.* / **perigo DC precaução**

Os enunciadores foram levantados da seguinte maneira. O E1 exprime um dos dois aspectos conversos da AE à direita de *P* e evoca o encadeamento que o particulariza. Para E2 deve ser feito o mesmo de E1 em relação à AE à esquerda de *P*. Já para E3, expressa-se o aspecto da AI e é preciso evocar o encadeamento que representa esse aspecto.

Para descrevermos o enunciado negativo *p'*, *João não foi prudente*, lembramos que os enunciados negativos fazem alusão aos enunciadores dos enunciados positivos *p*. Além disso, outros três enunciadores são levantados. Vamos expor somente os enunciadores negativos, uma vez que os positivos já foram expostos. Os enunciadores são levantados da seguinte forma: E'1 tem o aspecto e os encadeamentos recíprocos do enunciador positivo E1; E'2 é o ponto de vista recíproco do enunciador positivo E2; E'3 expressa o aspecto converso de E3. Assim, temos:

E'1: *João não foi prudente, portanto não saiu em segurança.* / **neg-prudente DC neg-segurança**

E'2: *João não tinha sido prevenido, portanto não foi prudente.* **neg-ser prevenido DC neg-ser prudente**

E'3: *Houve perigo, no entanto não se tomou precaução.* **perigo PT neg-precaução**

Precisamos definir a relação do locutor frente aos enunciadores. O locutor recusa os enunciadores positivos E1, E2 e E3, e assume os enunciadores negativos E'1, E'2 e E'3, ou ao menos concorda com eles.

Podemos ver, ao longo da explanação dos teóricos, que os princípios elaborados na lei da negação são mantidos: parte-se da AE e da AI do enunciado positivo para chegar ao negativo. Ducrot e Carel mantêm a regra e vão além, propõem que as argumentações encontradas, AE e AI, definem os enunciadores do enunciado.

Após a explanação da fundamentação teórica, passamos para uma nova etapa, verificar o funcionamento semântico dos morfemas *a-*, *i-* e *des-*, e suas variações.

4. MÉTODO E ANÁLISE

Neste capítulo, iniciamos com a abordagem do método que utilizaremos na busca da descrição dos morfemas *a-*, *i-* e *des-*, seguida das análises.

4.1 MÉTODO

Mencionamos no capítulo introdutório como nossa curiosidade e inquietação transformaram-se em motivação para pesquisar um determinado aspecto da linguagem. Relembrando, em uma leitura do Curso de Linguística Geral, deparamo-nos com a noção de solidariedade sintagmática na cadeia da língua, especificamente, o signo *desfazer*. Eis que surge a pergunta: como e por que o morfema/signo *des-* quando relacionado com signos diferentes é capaz de ter uma contribuição semântica distinta? Para tentar desvendar esse mistério, recorreremos a outros dois morfemas cujas funções semânticas também são de negação, *a-* e *i-*, e suas variações/adequações dependendo do signo a que estão ligados.

Não desenvolvemos um método específico de investigação. O que sabemos é que, para estudar casos de negações, partiremos sempre da lei da negação, ou seja, o roteiro que apresentaremos a seguir servirá para todos os casos, para determinarmos se é uma negação comum ou não. Primeiramente, os morfemas serão analisados a partir de seu emprego em um enunciado ou discurso; em seguida, tendo verificado que se trata-se de um caso de negação comum ou não, partiremos para uma abordagem do morfema no nível abstrato da linguagem. Nosso roteiro de análise é o seguinte:

No nível concreto:

- Levantar as argumentações externas e interna referentes ao léxico afirmativo / positivo;
- Aplicar a lei da negação ao termo positivo de acordo com as argumentações encontradas, para em seguida apresentar o enunciado negativo como polifônico;
- Descrever o sentido do termo negativo corresponde àquele apontado pela lei da negação e pela polifonia.

No nível abstrato:

- Verificar a argumentação interna (AI) da entidade lexical *p*;
- A partir de *p*, verificar *neg-p* pelo aspecto converso de *p*.

Iniciaremos nossa investigação com o morfema *a-*, seguido de *i(m/n)-* e *des-*.

4.2 ANÁLISE

4.2.1 O caso de *a-*

Com o desejo e o dever de investigar o emprego de tal morfema com sentido negativo, buscamos em dicionários, sites de busca na internet, revistas e demais meios de utilização da língua ocorrências e exemplos. Começamos com o signo *anormalidade*. Pensamos que uma *anormalidade* é algo oposto ao que se considera *normalidade*. Seguindo o que é apresentado nos textos *Los efectos semánticos de las operaciones sintáticas* (2005) e *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação* (2008), um enunciado *não-p* é analisado a partir de sua afirmação, *p*, e é com base nisso que desenvolveremos nossas análises. Posteriormente, veremos como se comporta *atípico* no emprego da língua, e a terceira análise será de *anormalidade*, mas no nível abstrato da linguagem.

4.2.1.1 Anormalidade (a)

Encontramos o seguinte enunciado (1):

(1) *O gênio, o crime e a loucura, provêm, por igual, de uma **anormalidade**; representam, de diferentes maneiras, uma inadaptabilidade ao meio*²¹. - Fernando Pessoa

Partindo do pressuposto de que o valor de um signo se dá a partir de suas relações com outros, e que, neste enunciado, *anormalidade* está diretamente relacionada a *gênio, crime e loucura*, a construção das AEs de *normalidade* considerará essas relações. Assim, construímos sua AE à direita:

ser normalidade DC corresponder às expectativas

ser normalidade PT neg-corresponder às expectativas

²¹ Retirado do site <http://www.dicio.com.br/anormalidade/>.

A AE à esquerda de normalidade:

estar nos padrões esperados DC ser normalidade

neg-estar nos padrões esperados DC ser normalidade

Aplicando a regra da negação, *anormalidade* será descrita pelos aspectos recíprocos das AEs de *normalidade*.

Tabela 1: Argumentação externa de *normalidade* e *anormalidade*

| AE de normalidade | Negação (recíprocos) AE de anormalidade |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><u>AE à direita</u></p> <p>ser normalidade DC corresponder às expectativas</p> <p>ser normalidade PT neg-corresponder às expectativas</p> | <p>neg-ser normalidade DC neg-corresponder às expectativas</p> <p>neg-ser normalidade PT corresponder às expectativas</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AE à esquerda</u></p> <p>estar nos padrões esperados DC ser normalidade</p> <p>neg-estar nos padrões esperados PT ser normalidade</p> | <p>neg-estar nos padrões esperados DC neg-ser normalidade</p> <p>estar nos padrões esperados PT neg-ser normalidade</p> |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Quanto à AI de *anormalidade*, também começamos pela AI de *normalidade*.

ser esperado DC acontecer como esperado

A negação de *normalidade* é apresentada pelo aspecto converso

ser esperado PT neg-acontecer como esperado

Tratando-se de um enunciado negativo, por sua vez polifônico, a segunda tarefa é determinar os enunciadores. Assim, podemos dizer que subjazem ao enunciado (1) os seguintes enunciadores:

E1: ser normalidade DC corresponder às expectativas

E2: estar nos padrões esperados DC ser normalidade

E3: ser esperado DC acontecer como esperado

E'1: neg-ser normalidade DC neg-corresponder às expectativas

E'2: neg-estar nos padrões esperados DC neg-ser normalidade

E'3: ser esperado PT neg-acontecer como esperado

Em relação aos enunciadores, o locutor recusa os enunciadores positivos E1, E2 e E3; ao contrário, ele assume os enunciadores E'1, E'2 e E'3.

Faremos agora a análise de um enunciado (2) em que o signo *atípico* é utilizado.

4.2.1.2 Atípico

Vejam os enunciados (2) a seguir:

(2) *Sou um escritor **atípico**. Só escrevo porque tenho ideias. Sentar-me a pensar que tenho que inventar uma história para escrever um livro nunca me aconteceu e nunca me acontecerá. Preciso de algo que me sacuda por dentro e que se me agarre com força para que eu entenda que ali há qualquer coisa para contar.*²² - José Saramago

O signo que nos interessa está relacionado a *escritor*, portanto nossas argumentações serão estabelecidas de acordo com o contexto em que *atípico* se insere.

A AE à direita de *típico*

ser típico DC buscar histórias para contar

ser típico PT neg-buscar histórias para contar

A AE à esquerda é

ter característica esperadas DC ser típico

neg-ter características esperadas PT ser típico

²² Retirado de <http://www.citacoes.org/autor/1181/jose-saramago/p/13/>

A partir dos aspectos recíprocos as AEs de típico, identificarmos as seguintes AEs de *atípico*.

Tabela 2: Argumentação externa de *típico* e *atípico*

| AE de típico | Negação (recíprocos) AE de atípico |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><u>AE à direita</u></p> <p>ser típico DC buscar histórias para contar</p> <p>ser típico PT neg-buscar histórias para contar</p> | <p>neg-ser típico DC neg-buscar histórias para contar</p> <p>neg-ser típico PT buscar histórias para contar</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AE à esquerda</u></p> <p>ter características esperadas DC ser típico</p> <p>neg-ter características esperadas PT ser típico</p> | <p>neg-ter características esperadas DC neg-ser típico</p> <p>ter características esperadas PT neg-ser típico</p> |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

No que concerne a argumentação interna de *típico*, apresentamos

ser escritor DC ter características tradicionais

Seguindo em busca de *atípico*, encontramos sua descrição no aspecto converso da AI de *típico*.

ser escritor PT neg-ter características tradicionais

Completando essa investigação, resta verificar quais enunciadores o enunciado negativo pode apresentar.

E1: ser típico DC buscar histórias para contar

E2: ter características esperadas DC ser típico

E3: ser escritor DC ter características tradicionais

E'1: neg-ser típico DC neg-buscar histórias para contar

E'2: neg-ter características esperadas DC neg-ser típico

E'3: ser escritor PT neg-ter características tradicionais

O locutor assume E'1, E'2 e E'3, refutando E1, E2 e E3. Pode-se notar que o morfema *a-* também segue as regras da negação, de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua. Até o momento, as duas análises são recorrentes quanto ao seu funcionamento semântico-argumentativo. A partir do emprego, faremos uma análise do signo *anormalidade*, mas considerando-o somente no nível abstrato da língua.

4.2.1.3 Anormalidade (b)

No nível do abstrato, veremos como a entidade lexical *anormalidade* se comporta. Para tanto, partimos da AI de *normalidade*.

Construímos a AI de *normalidade*.

ser esperado DC acontecer como esperado

Pela lei da negação, mantida pela perspectiva polifônica, a negação comum é dada pelo aspecto converso da entidade positiva. Logo, a AI que representa o sentido de *anormalidade* é

ser esperado PT neg-acontecer como esperado

Considerando a diversidade de signos iniciados pelo morfema *a-*, cujo sentido é negativo, e a impossibilidade de fazer um relatório de todos os seus empregos, percebemos a regularidade de sua solidariedade sintagmática junto a outros signos. Assim, passamos para averiguação dos casos de *i(m/n)-*.

4.2.2 O caso de *i(m/n)-*

A solidariedade sintagmática de que fala Saussure pode ser percebida quando Ducrot (2005) apresenta o bloco semântico de prudência, especificamente, a descrição de *imprudente*. Este é um caso que chamou atenção para nossa pesquisa. Ora, *imprudente* ou *não prudente* são representados semanticamente pelo aspecto *perigo PT neg-precaução*, aspecto converso de *prudente*, ou seja, sua negação. Nesta pesquisa, trazemos a análise argumentativa de outras entidades lexicais iniciadas pelo morfema *i(m/n)-*. São elas: *impaciência*, *inacabado* e *impaciência (b)*.

Assim como anteriormente, em 4.2.1, começamos por abordar o léxico no nível complexo para, em seguida, chegar à sua essência na língua.

4.2.2.1 Impaciência (a)

Nossa análise será feita a partir de um enunciado encontrado em uma página da internet.

(3) *A impaciência é um grande obstáculo para o bom êxito.*²³ - Napoleão Bonaparte

Neste enunciado, a impaciência leva ao insucesso, a não obter êxito. Começamos com a AE à direita de *paciência*, seguida de sua AE à esquerda.

A AE à direita de *paciência*

ter paciência DC ter êxito

ter paciência PT neg-ter êxito

Para a AE à esquerda, encontramos

ser perseverante DC ter paciência

neg-ser perseverante PT ter paciência

No quadro a seguir, apresentamos as argumentações externas de *impaciência* encontradas a partir das AEs de *paciência*, recém vista.

²³ Retirado de <http://kdfrases.com/frase/109496>

Tabela 3: Argumentação externa de *paciência* e *impaciência*

| AE de <i>paciência</i> | Negação (recíprocos) AE de <i>impaciência</i> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> ter paciência DC ter êxito ter paciência PT neg-ter êxito | neg-ter paciência DC neg-ter êxito neg-ter paciência PT ter êxito |
| <u>AE à esquerda</u> ser perseverante DC ter paciência neg-ser perseverante PT ter paciência | neg-ser perseverante DC neg-ter paciência ser perseverante PT neg-ter paciência |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Outra descrição importante para nossa pesquisa é a da AI de *paciência*. A partir dela, temos condições de saber sua negação, que pensamos ser *impaciência*, seu aspecto converso. A AI de *paciência* pode ser semelhante àquela descrita para o nível abstrato.

perseverança DC calma

perseverança PT neg-calma

Considerando que todas as argumentações para *impaciência* originaram-se das argumentações de *paciência*, podemos afirmar que se trata de uma negação comum, por sua vez, polifônica. Resta-nos identificarmos os enunciadores.

E1: ter paciência DC ter êxito

E2: ser perseverante DC ter paciência

E3: perseverança DC calma

E'1: neg-ter paciência DC neg-ter êxito

E'2: neg-ser perseverante DC neg-ter paciência

E'3: perseverança PT neg-calma

O locutor assume os enunciadores E'1, E'2 e E'3, e recusa E1, E2 e E3.

O caso que apresentamos a seguir também utiliza o *i(m/n)* como morfema negativo na construção de seu significado/sentido, trata-se de *inacabado*.

4.2.2.2 Inacabado

Nas análises anteriores, sempre iniciamos com a determinação das argumentações das entidades lexicais positivas para poder estabelecer as argumentações das entidades lexicais negativas, as quais são tema de nossa pesquisa. Novamente, este será o trajeto para análise de *inacabado*. Partimos do enunciado (4) abaixo.

(4) *O videoclipe já havia sido inteiramente planejado, mas estava **inacabado** quando Ledger morreu de uma overdose acidental de medicamentos em janeiro de 2008, assinalou o MySpace.*²⁴

A argumentação externa à direita de *acabado*, considerando o emprego de *inacabado* no enunciado acima, pode ser expresso pelos aspectos conversos

estar acabado DC poder usufruir

estar acabado PT neg-poder usufruir

Para a AE à esquerda, trazemos os seguintes aspectos transpostos:

*ser planejado t₀ DC estar acabado t₁*²⁵

neg-ser planejado t₀ PT estar acabado t₁

Para *inacabado*, as argumentações externas à direita e à esquerda são definidas pelas suas relações de reciprocidades com aquelas de *acabado*. Por isso, serão apresentadas no quadro abaixo.

²⁴ Enunciado retirado de <http://www.dicio.com.br/inacabado/>, originalmente publicado na Folha de São Paulo, em 06/08/2009

²⁵ Utilizamos t₀ e t₁ para indicar mudança de tempo, de estado, de momento. t₀ significa *tempo zero*, enquanto t₁, *tempo um*, posterior a *tempo zero*.

Tabela 4: Argumentação externa de *acabado* e *inacabado*

| AE de <i>acabado</i> | Negação (recíprocos) AE de <i>inacabado</i> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> estar acabado DC poder usufruir estar acabado PT neg-poder usufruir | neg-estar acabado DC neg-poder usufruir neg-estar acabado PT poder usufruir |
| <u>AE à esquerda</u> ser planejado t_0 DC estar acabado t_1 neg-ser planejado t_0 PT estar acabado t_1 | neg-ser planejado t_0 DC neg-estar acabado t_1 ser planejado t_0 PT neg-estar acabado t_1 |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Com as AEs estabelecidas, partimos para a argumentação interna de *acabado*.

iniciado t_0 DC concluído t_1

Se, conforme a lei da negação, o aspecto converso representa a negação de uma entidade linguística p , a negação de *acabado* deve ser

iniciado t_0 PT neg-concluído t_1

Encerrando a análise de *acabado/inacabado*, identificamos que o locutor assume os enunciadores E'1, E'2 e E'3, e rejeita E1, E2 e E3, conforme apresentados abaixo.

E1: estar acabado DC poder usufruir

E2: ser planejado t_0 DC estar acabado t_1

E3: iniciado t_0 DC concluído t_1

E'1: neg-estar acabado DC neg-poder usufruir

E'2: neg-ser planejado t_0 DC neg-estar acabado t_1

E'3: iniciado t_0 PT neg-concluído t_1

Estes foram os casos do emprego do morfema $i(m/n)$ -. Vejamos uma análise considerando que o signo se encontra na língua, fora do uso.

4.2.2.3 Impaciência (b)

Para averiguarmos se, assim como pensamos, *impaciência* é uma negação, essa entidade lexical precisa ser representada argumentativamente pelo aspecto converso da AI de *paciência*. Para AI de *paciência*, temos

esperança DC calma

E a sua negação, ou seja, *impaciência*, tem como AI

esperança PT neg-calma

Ou seja, podemos imaginar que quando uma pessoa tem esperança de conseguir atingir um objetivo, ela mantém a calma, tem *paciência*. Mas, quando a *impaciência* predomina, mesmo que se tenha esperança, não se mantém a calma. Nesse caso, vimos que a entidade lexical positiva (*paciência*) foi negada por meio de seu aspecto converso, que, por sua vez, representa a AI de *impaciência*.

Nas análises, os casos de *i(m/n)-*, assim como *a-* se comportam argumentativamente como uma negação comum. As AEs de *neg-p* são definidas pelo aspecto recíproco das AEs de *p*, além da AI de *neg-p* ser o aspecto converso de *p*.

Passamos agora à análise de *des-*.

4.2.3 O caso de *des-*

Neste item de pesquisa, mudaremos um pouco nossa maneira de verificar o funcionamento semântico de *des-*. Tal fato se justifica pela nossa inquietude mencionada no capítulo introdutório da tese. Por que *des-* constrói sentido de forma diferente quando utilizado com *fazer* (*desfazer*) e *favorável* (*desfavorável*)?

Como intuitivamente já prevemos uma diferença, separaremos nossas análises em dois grupos: *des-* como negação comum; *des-* como negação desconstrutiva. Começamos por aquela que segue a maioria dos casos de negação, a comum.

4.2.3.1 Des-: negação comum

Conforme recém mencionado, supomos que o morfema *des-* tem sua contribuição negativa em alguns casos de solidariedade sintagmática interna ao signo, não em todos. Abordaremos primeiro os signos (*desafeto* e *desencontro*) que foram empregados em enunciados de um mesmo discurso, seguido de um signo (*desfavorável*) fora de uso, no nível abstrato da linguagem. Para tanto, encontramos um discurso, escrito por Luís Fernando Veríssimo, onde aparece diferentes empregos de signos com *des-*, servindo para nossas análises. Salientamos que originalmente o discurso não apresenta palavras destacadas, os grifos são de responsabilidade da autora desta tese. Segue o discurso.

Texto e contexto²⁶

Na peça “Ricardo II”, de Shakespeare, há uma fala famosa que é muito citada como um hino patriótico à Inglaterra. Quem a diz é o duque John de Gount, tio do rei Ricardo II e pai de Henry Bolingbroke, desafeto exilado do rei, que acabará derrubando (sic) do trono.

John de Gount, à beira da morte, exalta as riquezas e as glórias do seu país (“este outro Eden”, “esta pedra preciosa posta no mar prateado”, a salvo “da inveja de terras menos felizes”, “este lote abençoado, este chão, este reino, esta Inglaterra”) num tom de entusiasmo crescente que empolga até quem não é inglês — se lido até a metade.

O resto da fala, raramente citada, é um lamento pelo declínio desta maravilha, cuja grandeza o rei está dilapidando. “Esta Inglaterra acostumada a conquistar, hoje é vergonhosamente derrotada por si mesma”, diz Gount, que termina desejando que “o escândalo desapareça junto com a minha vida, alegrando minha morte iminente”.

Já contei (umas cem vezes) que vi o Millôr Fernandes levantar uma plateia num encontro literário em Passo Fundo com a leitura de um texto de candente defesa da democracia e dos direitos humanos, e depois da ovação revelar que acabara de ler o discurso de posse do general Médici na Presidência da República, quando se inaugurava o período mais escuro da ditadura.

Um período em que com frequência o discurso do poder contrastava com a realidade à sua volta, e o texto era desmentido ²⁷pelo contexto. A aula do Millôr foi sobre a força autônoma da retórica, capaz de mobilizar uma multidão que ignora seu contexto. Mas pior

²⁶ O discurso foi escrito por Luís Fernando Veríssimo, publicado no site do jornal O Globo, em 09/06/2013.

²⁷ *Desmentido* é um signo prefixado pelo morfema *des-*, no entanto, não conseguimos desenvolver sua análise por parecer ter um funcionamento distinto. Sugerimos um futuro estudo.

do que isto é quando o contexto é conhecido e mesmo assim as palavras compõem outra realidade, e empolgam e mobilizam do mesmo jeito.

A história brasileira está cheia de exemplos do triunfo da oratória bacharelista sobre a realidade do momento, do dito sem a menor relação com o feito.

*Para ser justo com o Médici e o autor do seu discurso, é preciso reconhecer que em todo discurso de posse presidencial há um **desencontro** parecido entre intenção e realidade. Quem não se lembra do discurso de posse do Collor?*

Shakespeare tem outros exemplos de textos em que uma parte se vira contra a outra, como a exaltação que vira lamento de John de Gount. O mais notório é a fala de Marco Antonio sobre o corpo de César assassinado, que começa dando razão aos assassinos e termina incitando a massa a matá-los. Em outro trecho da peça alguém diz que se deve ter muito, mas muito cuidado com os bons oradores.

Começamos pela análise de *desafeto*.

4.2.3.1.1 Desafeto

Encontramos *desafeto* no discurso acima apresentado. Como não vamos analisá-lo por inteiro, sendo que nosso foco é na ocorrência de um signo, não vemos a necessidade de apresentar o discurso completo. Destacaremos somente o parágrafo em que o termo em análise está presente, neste caso o primeiro.

*(5) Na peça “Ricardo II”, de Shakespeare, há uma fala famosa que é muito citada como um hino patriótico à Inglaterra. Quem a diz é o duque John de Gount, tio do rei Ricardo II e pai de Henry Bolingbroke, **desafeto** exilado do rei, que acabará derrubando (sic) do trono.*

Lembramos que, para descrever uma negação, é preciso partir da afirmação, no caso *afeto*. Começamos por identificar sua argumentação externa à direita (AEd).

ter afeto DC ajudar

ter afeto PT neg-ajudar

Já a argumentação externa à esquerda (AEe)

auxiliar DC ter afeto

neg-auxiliar PT ter afeto

Em relação à argumentação interna (AI), o sentido de *afeto* pode ser descrito por

ter afinidade DC gostar

Embasando nossa análise na lei da negação, os aspectos de *desafeto* devem ser os recíprocos das AEs, e os conversos da AI de *afeto*. Dessa forma,

Tabela 5: Argumentação externa e argumentação interna de *afeto* e *desafeto*

| Afeto | Desafeto (negação) |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><u>AE à direita</u></p> <p>ter afeto DC ajudar ter afeto PT neg-ajudar</p> | <p>neg-ter afeto DC neg-ajudar neg-ter afeto PT ajudar</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AE à esquerda</u></p> <p>auxiliar DC ter afeto neg-auxiliar PT ter afeto</p> | <p>neg-auxiliar DC neg-ter afeto auxiliar PT neg-ter afeto</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AI</u></p> <p>ter afinidade DC gostar</p> | <p>ter afinidades PT neg-gostar</p> |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Das AEs e AI, identificamos os enunciadores, assumidos pelo locutor, que subjazem ao enunciado (5), os quais o locutor assume:

E'1: neg-ter afeto DC neg-ajudar

E'2: neg-ajudar DC neg-ter afeto

E'3: ser parente PT neg-gostar

Após esta análise, podemos afirmar que *des-* tem sentido de negação comum, ou seja, poderíamos dizer, embora não seja muito usado, que o duque não é um afeto do rei. Vemos que o segmento suporte é mantido, tendo a ação da negação sob o aporte.

4.2.3.1.2 Desencontro

No sétimo parágrafo do discurso escrito por Veríssimo, deparamo-nos com *desencontro*.

(6) *Para ser justo com o Médici e o autor do seu discurso, é preciso reconhecer que em todo discurso de posse presidencial há um **desencontro** parecido entre intenção e realidade. Quem não se lembra do discurso de posse do Collor?*

Seguindo nosso roteiro, verificamos as AEs *desencontro* a partir da forma positiva *encontro*.

A AE à direita pode ser representada pelos aspectos conversos

encontro DC concordância

encontro PT neg-concordância

Como AE à esquerda, temos os aspectos transpostos

relação DC encontro

neg-relação PT encontro

Representamos a AI de *encontro* por

*separação_{t0} DC união_{t1}*²⁸

O sentido do termo negativo *desencontro* é representado pelos aspectos recíprocos das AEs, e o converso da AI.

²⁸ Utilizamos t0 (tempo zero) e t1 (tempo um) para representar a diferença de tempo, ou seja, uma diferença entre estado em um momento anterior e posterior à enunciação.

Tabela 6: Argumentação externa e interna de *encontro* e *desencontro*

| Encontro | <i>Desencontro</i> (negação) |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><u>AE à direita</u></p> <p>encontro DC concordância encontro PT neg-concordância</p> | <p>neg-encontro DC neg-concordância neg-encontro PT concordância</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AE à esquerda</u></p> <p>relação DC encontro neg-relação PT encontro</p> | <p>neg-relação DC neg-encontro relação PT neg-encontro</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>AI</u></p> <p>separação _{t0} DC união _{t1}</p> | <p>separação _{t0} PT neg-união _{t1}</p> |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Se tomarmos *desencontro* como polifônico, destacamos somente os enunciadores assumidos pelo locutor:

E'1: neg-encontro DC neg-concordância

E'2: neg-relação DC neg-encontro

E'3: separação _{t0} PT neg-união _{t1}

O próximo caso é elaborado imaginando o signo na língua, no nível abstrato.

4.2.3.1.3 Desfavorável

Lembrando que a argumentação interna (AI) de uma entidade linguística negativa é estabelecida a partir de sua relação conversa com a AI da entidade linguística positiva, temos para *favorável* a seguinte AI:

julgar DC estar de acordo

Favorável é apresentado pelo aspecto A DC B. Para sua negação, se faz necessário o aspecto converso A PT neg-B. Assim, temos o sentido de *desfavorável* descrito por:

julgar PT neg-estar de acordo

Até este momento da pesquisa, todos os signos analisados se comportaram argumentativamente de forma semelhante. Nas AIs, quando o aporte é negado, para que o suporte seja mantido, é necessário alterar o conector. Nas AEs, como o conector se mantém, além da negação agir no aporte, ela precisa atuar no suporte, caso contrário, não se tem uma negação comum.

4.2.3.2 Des-: negação desconstrutiva

Nos encontramos no momento mais esperado da tese: como explicar a atuação do morfema *des-* em signos semelhantes a *desfazer*? O termo *negação desconstrutiva* foi criado aqui para nomear uma nova forma de negação. Não se trata aqui de uma negação *não-e*, mas de uma negação que desconstrói o sentido de *e*. Nesses casos, o suporte será negado, mas o conector será mantido. Ressaltamos que qualquer responsabilidade em relação a esse termo é da autora desta tese. Damos início à nossa trajetória.

4.2.3.2.1 Desaparecer

O signo que será analisado aparece no seguinte enunciado:

(7) O resto da fala, raramente citada, é um lamento pelo declínio desta maravilha, cuja grandeza o rei está dilapidando. “Esta Inglaterra acostumada a conquistar, hoje é vergonhosamente derrotada por si mesma”, diz Gount, que termina desejando que “o escândalo desapareça junto com a minha vida, alegrando minha morte iminente”.

Semanticamente, é possível perceber que desaparecer é diferente de não aparecer, ou seja, não se trata aqui de uma negação comum. Por isso, optamos por trabalhar somente com a argumentação interna ao signo. A lei da negação já tem estabelecidas regras de como as AEs e AI do termo negativo são definidas em relação ao termo positivo. Neste caso, ainda não temos.

Estabelecemos a AI *aparecer*.

neg-existir t₀ PT existir t₁

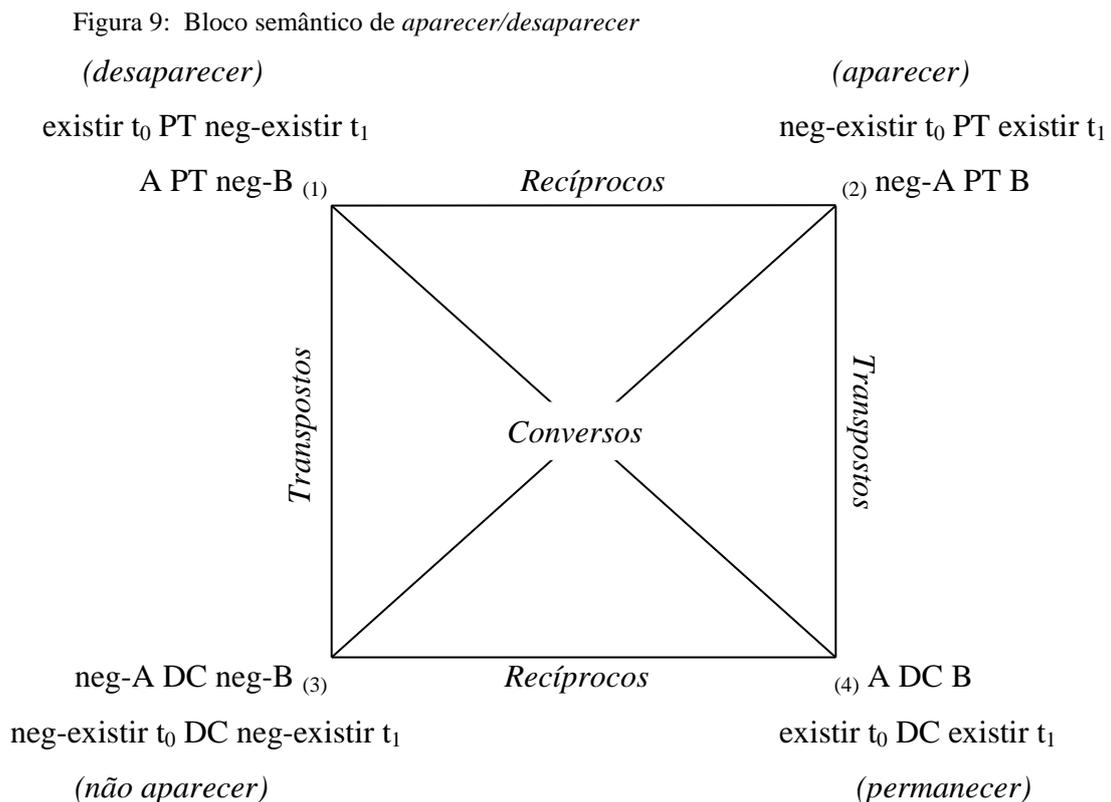
A negação comum de *aparecer*, ou seja, *não aparecer* é o aspecto converso

neg-existir t₀ DC neg-existir t₁

Quanto à AI de *desaparecer*, seguindo o que aconteceu na análise anterior, será representado pelo aspecto recíproco A PT neg-B.

existir t₀ PT neg-existir t₁

Construindo o bloco semântico de *aparecer/desaparecer*, temos



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot e Carel (2008, p. 11), e dados da análise de *desaparecer*

Verificamos que a argumentação de *des-* ocorre de duas formas distintas; pode ser o aspecto converso da entidade linguística positiva *p*, também pode ser o aspecto recíproco. Sentimos que, quando sua descrição é representada pelo aspecto recíproco, há, digamos de forma geral, uma mudança de estado - *Se existia antes, não existe mais*.

Seguimos com mais uma análise.

4.2.3.2.2 Desvincular

O signo que estudaremos está presente em um discurso veiculado em uma página da internet. Trata-se de uma notícia, no entanto apresentaremos somente o parágrafo em que o signo aparece. Todo o discurso será disponibilizado como anexo.

(8) A Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) encaminhou ofício à reitoria solicitando a anulação da decisão que **desvinculou** da USP o Hospital de Reabilitação de Anomalias Cranofaciais (HRAC) de Bauru. O sindicato defende que a votação no Conselho Universitário (C. O.) sobre o assunto não atendeu o quórum estabelecido no Estatuto da USP.²⁹

Para saber a descrição de desvinculou, partimos da AI de *vinculou*

neg-ter relação t₀ PT ter relação t₁

Se considerarmos que a negação comum é o aspecto converso, temos

neg-ter relação t₀ DC neg-ter relação t₁

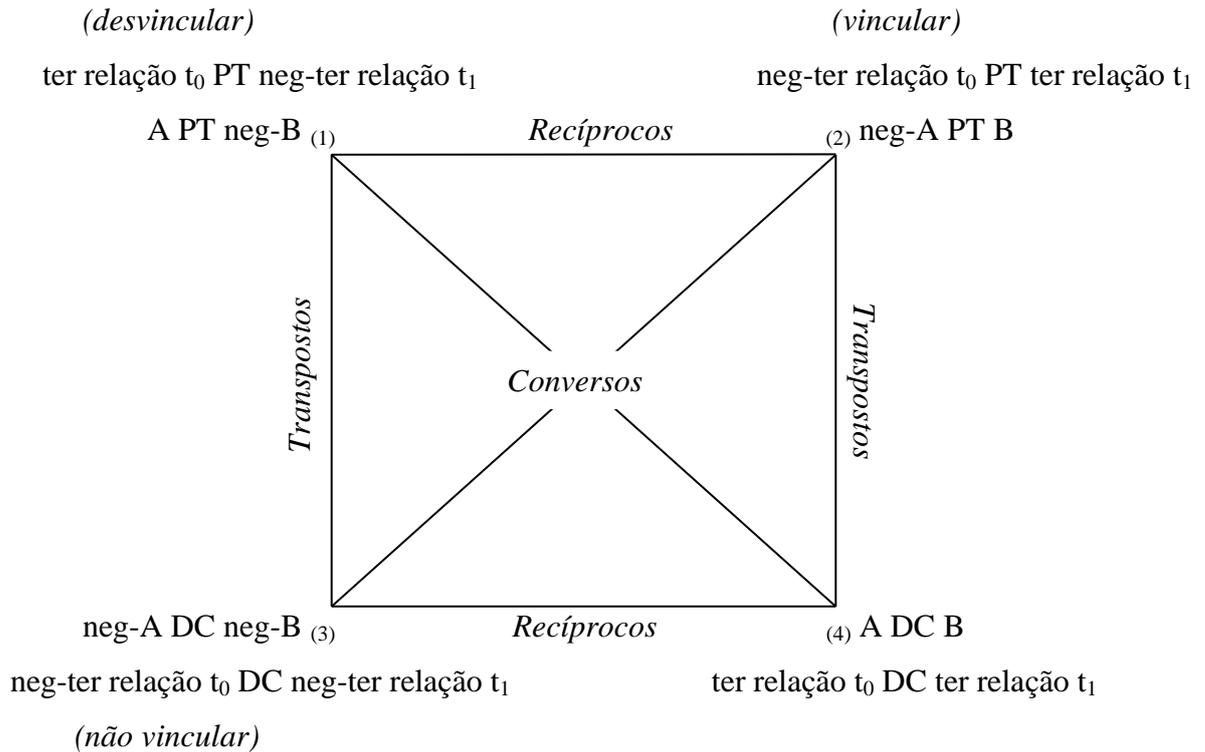
Para nós, o aspecto converso não representa o sentido de *desvincular*, mas o de *não vincular*. Propomos que o seu aspecto representativo seja o recíproco

ter relação t₀ PT neg-ter relação t₁

O bloco semântico relativo a vincular e *vincular/desvincular* pode ser

²⁹ Disponível em <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,sindicato-quer-anular-decisao-que-desvinculou-hospital-da-usp,1569933>

Figura 10: Bloco semântico de *vincular/desvincular*



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot e Carel (2008, p. 11), e dados da análise de *desvincular*

Com mais esta ocorrência do morfema *des-*, é possível afirmar que seu comportamento se difere da negação comum, assim como na análise anterior. Propomos uma análise de um signo fora de uso, no nível abstrato da linguagem, *desfazer*.

4.2.3.2.3 Desfazer

Tendo *desfazer* como nosso objeto de análise, e por pensar se tratar de uma negação, partimos da AI de *fazer*.

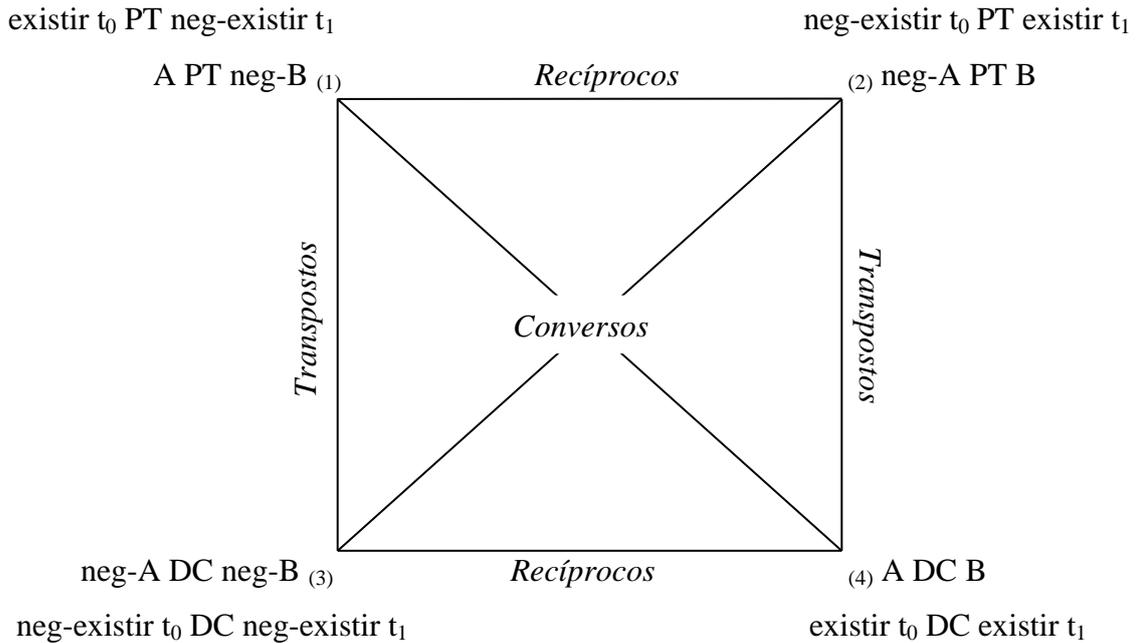
neg-existir t_0 PT existir t_1

Como a negação comum de uma entidade linguística p é dada pelo seu aspecto converso, temos como negação de *fazer*

neg-existir t_0 DC neg-existir t_1

Não consideramos que o sentido apresentado pelo aspecto *neg-A DC neg-B* seja relativo a *desfazer*. Para nós, *neg-existir t₀ DC neg-existir t₁* representa *não fazer*. Sabendo da interdependência semântica existente entre *existir t₀* e *existir t₁*, recorremos aos outros aspectos na tentativa de descrever o signo que queremos. Para ser melhor de visualizar e compreender, construiremos um quadrado argumentativo.

Figura 11: Bloco semântico de *fazer/desfazer*



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot e Carel (2008, p. 11), e dados da análise de *desfazer*

Vemos no ângulo 2, pelo aspecto *neg-A PT B*, a representação semântica de *fazer*. No seu aspecto converso, ângulo 3, temos sua negação comum, *não fazer*. O ângulo 1, aspecto *A PT neg-B*, a nosso ver, evidencia o sentido de *desfazer*. Assim, é construído a partir da relação de reciprocidade de *fazer*.

| | | | |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------|---|-------------------|
| AI de <i>fazer</i> : | <i>neg-existir t₀ PT existir t₁</i> | } | Recíprocos |
| AI de <i>desfazer</i> : | <i>existir t₀ PT neg-existir t₁</i> | | |
| AI de <i>não fazer</i> : | <i>neg-existir t₀ DC neg-existir t₁</i> | | |

Com esta análise, intuímos que, além de ter conseguido descrever o signo que nos era desejado, podemos dizer que a negação desconstrutiva, como estamos chamando, é estabelecida por uma relação de reciprocidade entre os aspectos transgressivos.

Passamos agora à retomada de nossas análises com o objetivo de discuti-las.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.

Ambos existem; cada um como é.

Fernando Pessoa

O grande escritor Fernando Pessoa, com a epígrafe acima, nos mostra a importância do outro, da alteridade em tudo o que nos rodeia. Melhor ainda seria dar uma continuidade: [...] *cada um como é, porque um é diferente do outro*. Neste capítulo, ao retomarmos nossas análises a fim de refletir sobre o que foi encontrado, podemos ver que cada resultado tem sua importância de igual equivalência, pois, por serem diferentes, são únicos e determinam um ao outro.

Ao longo de nossa tese, procuramos compreender o funcionamento argumentativo de três morfemas sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, *a-*, *i(m/n)-* e *des-*. Nossa proposta é que especialmente o morfema *des-* ora age sobre um signo como uma negação simples, como um *não*, ora como uma negação distinta. Faremos aqui uma compilação dos resultados agrupados de acordo com o tipo de negação, a *comum* e a *desconstrutiva*. Ressaltamos que a negação comum é aquela já estudada por Oswald Ducrot e colaboradores em que uma entidade negativa é determinada a partir de sua entidade positiva. Assim, os aspectos recíprocos àqueles que representam as argumentações externas de *e* determinam *neg-e*; e quanto à argumentação interna, o aspecto converso de *e* representa o sentido de *neg-e*. Já negação desconstrutiva é a que propomos nesta pesquisa a partir de nossas análises embasadas na ANL, especialmente na Teoria dos Blocos Semânticos. Passamos, a seguir, aos detalhes de cada morfema encontrado em nosso estudo.

5.1 NEGAÇÃO COMUM

No decorrer de nossas análises, no capítulo anterior, percebemos que três morfemas têm valor de negação *a-*, *i(m/n)-* e *des-*, no entanto, o último também pode ter um sentido diferente dependendo o signo que está relacionado.

A negação comum é estudada por Oswald Ducrot e colaboradores desde o princípio da Teoria da Argumentação na Língua (conforme pode ser visto no capítulo 3 desta tese), que, assim como a teoria, tem passado por reformulações ao longo dos anos. Embora algumas alterações tenham sido realizadas, há pontos de vista que não mudaram em relação ao tema.

Um deles é de que a entidade linguística negativa está sempre relacionada com a sua positiva, ou seja, a negação sempre contém uma afirmação, ou ainda, só é possível negar uma afirmação. Em 2008, Ducrot e Carel estudaram a negação como sendo um caso de polifonia adequada à Teoria dos Blocos Semânticos. Em casos como esse, o enunciado negativo coloca em cena enunciadores, cujas atitudes do locutor em relação a eles podem ser diferentes. Os enunciadores são definidos a partir das relações de reciprocidade entre os aspectos apresentados pelas argumentações externas à direita e à esquerda da entidade positiva *e*. De forma análoga, outro enunciador será determinado a partir do aspecto converso da argumentação interna da mesma *e*.

Considerando esse ponto de vista argumentativo da negação, apresentaremos em um quadro as análises dos signos prefixados em *a-*: *anormalidade (a)*, *atípico* e *anormalidade (b)*.

Tabela 7: AEs e AIs de *normalidade/anormalidade (a)*, *típico/atípico* e *normalidade/anormalidade (b)*

| <i>Normalidade</i> | <i>Anormalidade(a)</i> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> ser normalidade DC corresponder às expectativas ser normalidade PT neg-corresponder às expectativas | neg-ser normalidade DC neg-corresponder às expectativas neg-ser normalidade PT corresponder às expectativas |
| <u>AE à esquerda</u> estar nos padrões esperados DC ser normalidade neg-estar nos padrões esperados PT ser normalidade | neg-estar nos padrões esperados DC neg-ser normalidade estar nos padrões esperados PT neg-ser normalidade |
| <u>AI</u> ser esperado DC acontecer como esperado | ser esperado PT neg-acontecer como esperado |
| <i>Típico</i> | <i>Atípico</i> |
| <u>AE à direita</u> ser típico DC buscar histórias para contar ser típico PT neg-buscar histórias para contar | neg-ser típico DC neg-buscar histórias para contar neg-ser típico PT buscar histórias para contar |
| <u>AE à esquerda</u> ter características esperadas DC ser típico neg-ter características esperadas PT ser típico | neg-ter características esperadas DC neg-ser típico ter características esperadas PT neg-ser típico |
| <u>AI</u> ser escritor DC ter características tradicionais | ser escritor PT neg-ter características tradicionais |
| <i>Normalidade</i> | <i>Anormalidade (b)</i> |
| <u>AI</u> ser esperado DC acontecer como esperado | ser esperado PT neg-acontecer como esperado |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Em *anormalidade (a)*, o enunciado (1) *O gênio, o crime e a loucura, provêm, por igual, de uma anormalidade; representam, de diferentes maneiras, uma inadaptabilidade ao meio* afirma que o gênio, o crime e a loucura são resultados de algo diferente do que se esperava. Melhor, o gênio é uma transgressão da pessoa com um nível de inteligência normalmente esperado- *ser esperado PT neg-acontecer como esperado*; pode-se pensar da mesma forma para o crime e a loucura.

De acordo com o enunciado (2) *Sou um escritor atípico. Só escrevo porque tenho ideias. Sentar-me a pensar que tenho que inventar uma história para escrever um livro nunca me aconteceu e nunca me acontecerá. Necessito de algo que me sacuda por dentro e que se me agarre com força para que eu entenda que ali há qualquer coisa para contar*, o locutor apresenta sua opinião a respeito do que é ser um escritor *atípico* fazendo uma comparação com aquele *típico*. O escritor *típico* é aquele que apresenta características tradicionais, o *atípico* não nega ser escritor, mas nega ter características tradicionais - *ser escritor PT neg-ter características tradicionais*.

É possível perceber que o sentido dos signos foi determinado a partir do que é postulado na Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, falamos de casos de negação comum. Chamamos atenção para a última análise, *anormalidade (b)*. Somente é apresentada a argumentação interna do signo por termos tomado tal como elemento no nível abstrato, fora de uso. Vimos que *anormalidade*, tanto no nível da língua quanto no nível da fala, é descrito pelo aspecto converso da argumentação interna de *normalidade*.

Passamos aos casos de *i(m/n)*-: *impaciência (a)*, *inacabado* e *impaciência (b)*.

Tabela 8: AEs e AIs de *paciência/impaciência (a)*, *acabado/inacabado* e *paciência/impaciência (b)*

| <i>Paciência</i> | <i>Impaciência(a)</i> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> ter paciência DC ter êxito ter paciência PT neg-ter êxito | neg-ter paciência DC neg-ter êxito neg-ter paciência PT ter êxito |
| <u>AE à esquerda</u> ser perseverante DC ter paciência neg-ser perseverante PT ter paciência | neg-ser perseverante DC neg-ter paciência ser perseverante PT neg-ter paciência |
| <u>AI</u> perseverança DC calma | perseverança PT neg-calma |

| <i>Acabado</i> | <i>Inacabado</i> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> estar acabado DC poder usufruir estar acabado PT neg-poder usufruir | neg-estar acabado DC neg-poder usufruir neg-estar acabado PT poder usufruir |
| <u>AE à esquerda</u> ser planejado t ₀ DC estar acabado t ₁ neg-ser planejado t ₀ PT estar acabado t ₁ | neg-ser planejado t ₀ DC neg-estar acabado t ₁ ser planejado t ₀ PT neg-estar acabado t ₁ |
| <u>AI</u> iniciado t ₀ DC concluído t ₁ | iniciado t ₀ PT neg-concluído t ₁ |
| <i>Paciência</i> | <i>Impaciência (b)</i> |
| <u>AI</u> esperança DC calma | esperança PT neg-calma |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

Na compilação acima dos signos iniciados pelo morfema *i-*, todos os casos nos mostram um morfema negativo comum, ou seja, as argumentações externas que definem seus sentidos são determinados pelo aspecto recíproco do signo positivo, e a argumentação interna, pelo aspecto converso. O enunciado referente à *impaciência (a)*, (3) *a paciência é um grande obstáculo para o bom êxito*, relaciona o fato de ser perseverante com a obtenção do que se almeja alcançar. A pessoa *impaciente*, embora tenha perseverança, não tem calma para realizar as atividades necessárias - *perseverança PT neg-calma*.

No enunciado (4) *o videoclipe já havia sido inteiramente planejado, mas estava inacabado quando Ledger morreu de uma overdose acidental de medicamentos em janeiro de 2008, assinalou o MySpace*, mostra a não completude de um projeto. Embora o videoclipe já tivesse iniciado, o mesmo não havia sido concluído - *iniciado t₀ PT neg-concluído t₁*. Se tomássemos o mesmo enunciado com a utilização da entidade lexical positiva *acabado*, teríamos como representação semântica o aspecto converso, *iniciado t₀ DC concluído t₁*.

Para *impaciência (b)*, tomado como signo no nível abstrato, seu sentido também é expresso pelo aspecto converso do signo positivo, *paciência - esperança PT neg-calma*.

Os casos apresentados a seguir são do morfema *des-* em que sua atuação semântica é de negação comum, *desafeto*, *desencontro* e *desfavorável*. Vejamos.

Tabela 9: AEs e AI de *afeto/desafeto*, *encontro/desencontro* e *favorável/desfavorável*

| <i>Afeto</i> | <i>Desafeto</i> |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| <u>AE à direita</u> ter afeto DC ajudar ter afeto PT neg-ajudar | neg-ter afeto DC neg-ajudar neg-ter afeto PT ajudar |
| <u>AE à esquerda</u> auxiliar DC ter afeto neg-auxiliar PT ter afeto | neg-auxiliar DC neg-ter afeto auxiliar PT neg-ter afeto |
| <u>AI</u> ter afinidade DC gostar | ter afinidades PT neg-gostar |
| <i>Encontro</i> | <i>Desencontro</i> |
| <u>AE à direita</u> encontro DC concordância encontro PT neg-concordância | neg-encontro DC neg-concordância neg-encontro PT concordância |
| <u>AE à esquerda</u> relação DC encontro neg-relação PT encontro | neg-relação DC neg-encontro relação PT neg-encontro |
| <u>AI</u> separação _{t0} DC união _{t1} | separação _{t0} PT neg-união _{t1} |
| <i>Favorável</i> | <i>Desfavorável</i> |
| <u>AI</u> julgar DC estar de acordo | julgar PT neg-estar de acordo |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

O enunciado (5), na peça “Ricardo II”, de Shakespeare, há uma fala famosa que é muito citada como um hino patriótico à Inglaterra. Quem a diz é o duque John de Gount, tio do rei Ricardo II e pai de Henry Bolingbroke, ***desafeto*** exilado do rei, que acabará derrubando (sic) do trono, o signo que nos interessa está relacionado ao fato de não gostar de alguém. No caso, a pessoa a quem não se tem afeto acaba prejudicando o rei. Embora o duque tenha certas afinidades de parentesco, duque e rei não mantêm uma relação de cordialidade - *ter afinidades PT neg-gostar*.

Para *desencontro*, vimos que em (6), para ser justo com o Médici e o autor do seu discurso, é preciso reconhecer que em todo discurso de posse presidencial há um ***desencontro*** parecido entre intenção e realidade. Quem não se lembra do discurso de posse do Collor?, não há uma relação entre intenção e realidade - *separação_{t0} PT neg-união_{t1}*. Se ambos se encontrassem, poderíamos representar por *separação_{t0} DC união_{t1}*, o aspecto converso de *desencontro*.

Desfavorável é analisado no nível da língua, fora de seu emprego, por isso não é realizada nenhuma argumentação externa. Mas, considerando sua AI, o aspecto que o representa é o converso de sua entidade positiva, *favorável - julgar DC estar de acordo e julgar PT neg-estar de acordo*.

Passamos agora para os casos em que o morfema *des-* não atua como uma negação comum.

5.2 NEGAÇÃO DESCONSTRUTIVA

Como dissemos desde o início desta tese, o morfema *des-* é o caso linguístico que moveu nossa pesquisa, tentando descrever e explicar esse fenômeno. Até o momento, conseguimos descrever o funcionamento semântico de morfemas negativos, mas somente descrevemos, uma vez que aplicamos uma regra já determinada pelos autores da teoria em que nos embasamos. Cabe agora descrever e, acima de tudo, explicar a partir dos conceitos da ANL o argumentação do morfema *des-* em casos dessemelhantes à negação comum. Para tanto, analisamos os signos *desaparecer*, *desvincular* e *desfazer*. Na negação comum, as argumentações externas de um signo negativo eram determinadas pela sua relação de reciprocidade com as AEs do signo positivo. Como ainda não sabemos como as AEs se comportarão nestes casos distintos, optamos por analisar os signos somente a partir de sua argumentação interna (AI).

Na tabela abaixo, reunimos as argumentações internas dos signos analisados.

Tabela 10: AI de *apareça/não apareça/desapareça*, *vincular/não vincular/desvincular* e *fazer/não fazer/desfazer*

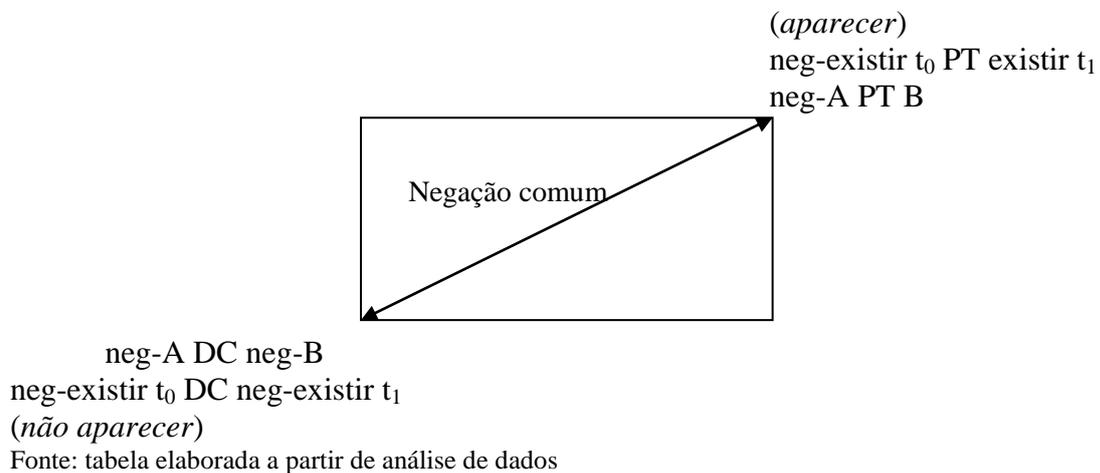
| <i>Apareça</i> | <i>Não apareça</i> | <i>Desapareça</i> |
|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| neg-existir t ₀ PT existir t ₁ | neg-existir t ₀ DC neg-existir t ₁ | existir t ₀ PT neg-existir t ₁ |
| <i>Vincular</i> | <i>Não vincular</i> | <i>Desvincular</i> |
| neg-ter relação t ₀ PT ter relação t ₁ | neg-ter relação t ₀ DC neg-ter relação t ₁ | ter relação t ₀ PT neg-ter relação t ₁ |
| <i>Fazer</i> | <i>Não fazer</i> | <i>Desfazer</i> |
| neg-existir t ₀ PT existir t ₁ | neg-existir t ₀ DC neg-existir t ₁ | existir t ₀ PT neg-existir t ₁ |

Fonte: tabela elaborada a partir de análise de dados

No enunciado (7), *o resto da fala, raramente citada, é um lamento pelo declínio desta maravilha, cuja grandeza o rei está dilapidando. “Esta Inglaterra acostumada a conquistar, hoje é vergonhosamente derrotada por si mesma”, diz Gount, que termina desejando que “o escândalo desapareça junto com a minha vida, alegrando minha morte iminente”, percebemos que se iniciarmos nossa análise a partir da entidade positiva, apareça, não teremos o aspecto converso, mas o seu transposto. O aspecto converso representa a negação comum, *não apareça*.*

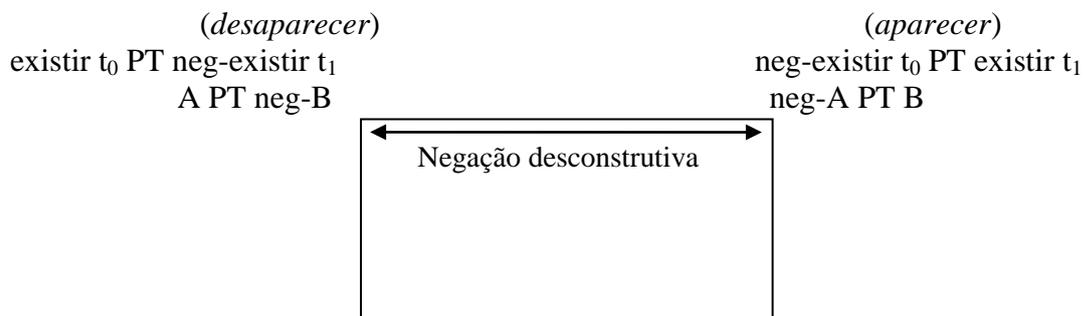
Assim, temos entre os aspectos conversos temos a negação comum - *aparecer e não aparecer*.

Figura 12: Bloco semântico de *aparecer/não aparecer*



Para descrever *desaparecer*, é necessário que o aspecto recíproco seja considerado.

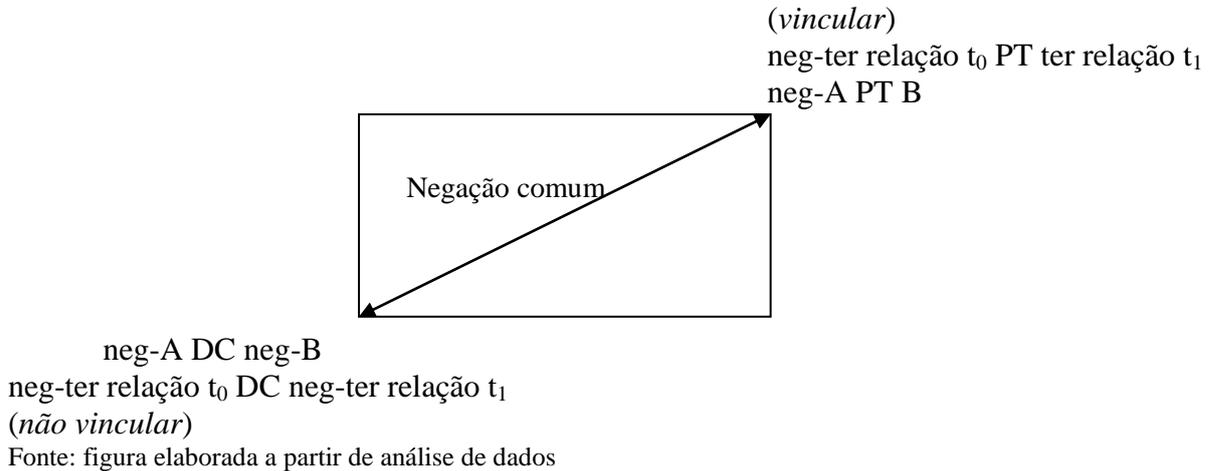
Figura 13: Bloco semântico de *fazer/desfazer*



Da mesma forma, acontece com *desvincular* no enunciado (8) *A Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) encaminhou ofício à reitoria solicitando a anulação da decisão que desvinculou da USP o Hospital de Reabilitação de Anomalias*

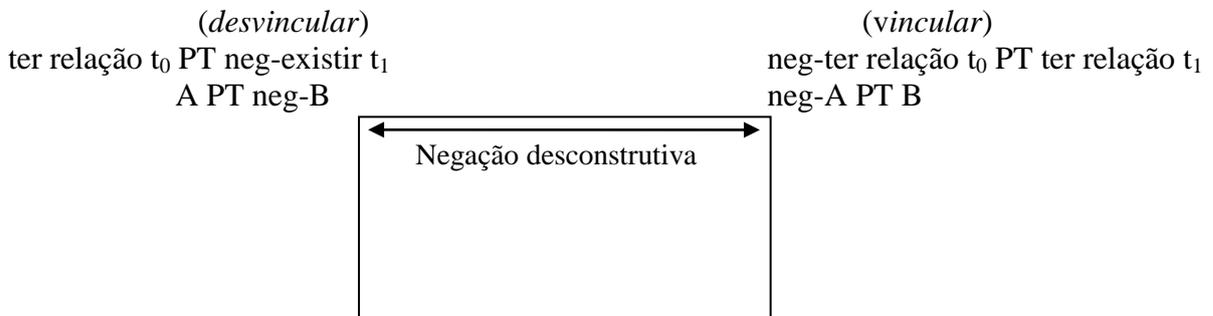
Cranofaciais (HRAC) de Bauru. O sindicato defende que a votação no Conselho Universitário (C. O.) sobre o assunto não atendeu o quórum estabelecido no Estatuto da USP. O aspecto que representa o signo em foco é o aspecto recíproco da entidade positiva.

Figura 14: Bloco semântico de *vincular/não vincular*

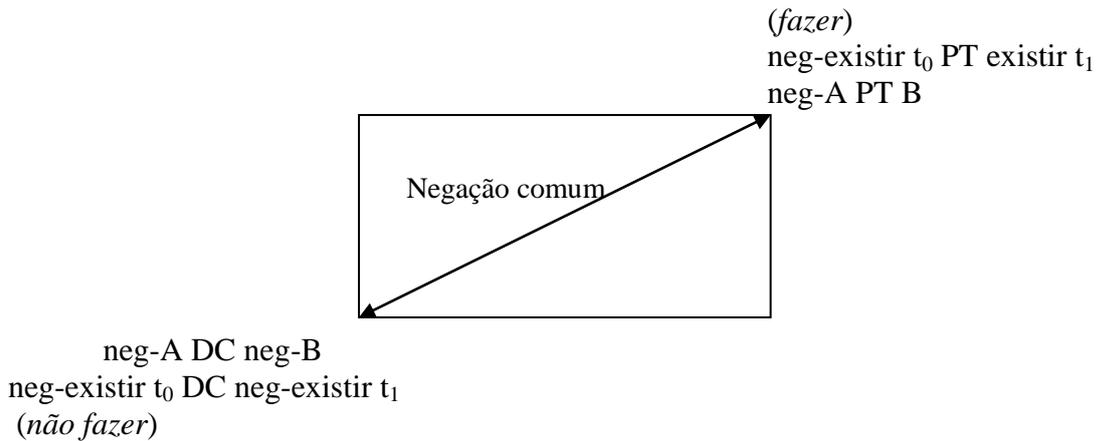


Desvincular é representado pelo aspecto recíproco.

Figura 15: Bloco semântico de *vincular/desvincular*

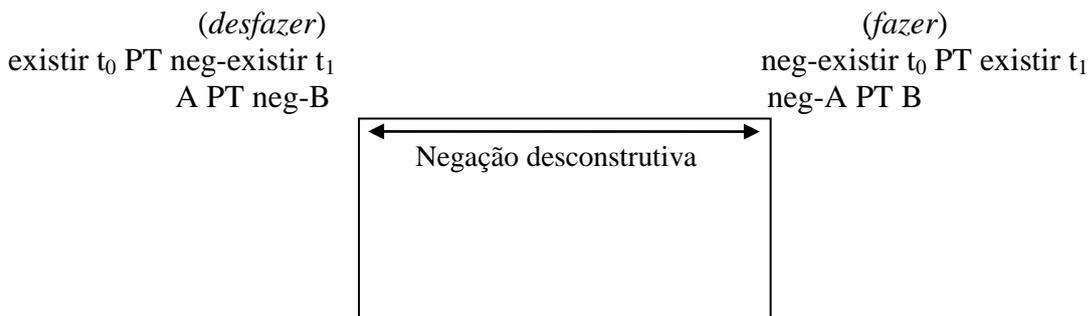


Para *desfazer*, encontramos a mesma maneira de representação, a mesma relação entre os aspectos.

Figura 16: Bloco semântico de *fazer/não fazer*

Fonte: figura elaborada a partir de análise de dados

Desvincular é representado pelo aspecto recíproco.

Figura 17: Bloco semântico de *vincular/desvincular*

Fonte: figura elaborada a partir de análise de dados

Acreditamos ter encontrado uma regularidade nos casos do morfema *des-* que não são considerados negações simples. O sentido de um signo iniciado por *des-* pode ser representado pelo aspecto converso (negação comum), ou pelo aspecto recíproco transgressivo (negação desconstrutiva). A *negação desconstrutiva* não nega totalmente o sentido de seu signo positivo, ao contrário, ela desconstrói algo, muda o estado de alguma coisa - *o que estava feito, não está mais (desfazer)*. A relação entre os segmentos se mantém transgressiva, mas a ação da negação passa a ser no outro segmento.

Pensando ter apresentado e discutido nosso material de análise, passamos às últimas considerações a serem feitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Esta tese, inserida na área de concentração da linguística, buscou analisar elementos linguísticos diariamente empregados na fala, sem que as pessoas parem para pensar o motivo pelo qual tal signo foi enunciado de tal forma e relacionado com outros. Claro, é impossível pensar em cada signo antes de ser utilizado. Assim, quando estamos analisando morfemas cujo papel argumentativo é de negação, parece que somos apenas uma gota de água que constitui o mar. Mas, considerando a noção de alteridade, o mar não seria mar sem cada gota; uma gota a menos ou a mais, o tornaria diferente. Na epígrafe deste trabalho trouxemos um enunciado, retirado da obra Grande Sertão: Veredas, que cabe neste momento: “[...] *as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes[...]*”. Se refletirmos a respeito do que nos rodeia, do que existe, tudo será sempre uma gota no mar, não só uma gota, mas uma gota *constitutiva*.

O conceito de alteridade que nos conduz à noção de valor, por sua vez, é essencial para o estabelecimento da linguística enquanto ciência, e para os estudos desenvolvidos na área. Ambos os conceitos, *alteridade* e *valor*, são ‘viciantes’, pois é muito difícil estudar, perceber, ‘vasculhar’ a linguagem sem considerá-los. E, como uma pesquisa é feita a partir de questionamentos, nossa primeira inquietude surgiu na leitura do capítulo VI, *Mecanismo da Língua*, da segunda parte do Curso de Linguística Geral. É afirmado que as unidades da língua se relacionam, seja na cadeia falada e/ou nas próprias unidades da língua que a constituem. A isso, Saussure dá o nome de *solidariedade sintagmática*. Desde então, percebemos que no próprio eixo paradigmático, os signos na língua já podem ser constituídos a partir de relações sintagmáticas. Melhor, um signo como *desfazer* é composto por dois signos, *des* + *fazer*. O emprego do termo sintagmático usualmente é utilizado para quando se refere à cadeia da fala, quando a língua é colocada em uso. Neste caso, embora o signo ainda se encontre no nível abstrato, ele é constituído de uma relação de solidariedade, uma relação sintagmática dentro do próprio eixo associativo.

E foi justamente com o exemplo dado por Saussure que estabelecemos os objetivos de nossa pesquisa, que são:

- Identificar e analisar diferentes formas como um elemento linguístico de um signo agrupado pode atuar como uma negação, de acordo com a ANL;
- Descrever cada tipo de negação;
- Explicar cada tipo de negação abordada neste estudo a partir de preceitos semântico-argumentativos, ou seja, pela ANL.

Nosso trabalho contou com análise de doze signos prefixados com *a-*, *i(m/n)-* e *des-*, tendo conseguido identificar duas formas de negação: a negação comum, e a que chamamos de negação desconstrutiva. Começamos pelos casos de negação comum.

As análises de *anormalidade*, *atípico*, *impaciência*, *inacabado*, *desafeto*, *desencontro* e *desfavorável*, mostram que seu sentido representado pela AI é o aspecto converso de sua entidade positiva correspondente, respectivamente, *normalidade*, *típico*, *paciência*, *acabado*, *afeto*, *encontro* e *favorável*. Na nossa pesquisa, somente verificamos que a negação comum, descrita por Ducrot, pode ser identificada no emprego dos morfemas em questão. Tal negação tem como característica a manutenção de seu segmento suporte, tendo a ação da negação fortemente no segmento aporte. A negação do aporte faz com que a relação entre os dois segmentos seja modificada, se normativa, passa a transgressiva; se transgressiva, a normativa. Tal fato se dá pela orientação argumentativa da entidade linguística presente no segmento suporte.

Como intuímos no início, o morfema *des-* atua de forma diferente dependendo do signo a que está ligado. Não nos dedicamos a verificar qual é o motivo da natureza do signo que faz com que essa relação seja distinta. Vimos que a argumentação interna de *desfazer* e *desaparecer* não é o aspecto converso de sua entidade linguística positiva, *fazer* e *aparecer*, mas o seu recíproco. O aspecto converso, que indica a negação comum, representa *não fazer* e *não aparecer*. Mas é preciso explicar muito mais o que ser recíproco significa. Buscamos em Delanoy (2012) um apoio, pois, para ele, a relação de reciprocidade não pode ser considerada a mesma entre os aspectos transgressivos e normativos. De acordo com o autor, “[...] entre os pares dos recíprocos transgressivos, somente um aspecto será assumido pelo locutor, ao passo que, entre os recíprocos normativos, ambos os aspectos são admitidos pelo locutor no discurso” (DELANOY, 2012, p.133). No entanto, Delanoy não conseguiu encontrar material para analisar tal fato, e é onde nos encontramos.

Nos casos de *desaparecer*, *desvincular* e *desfazer*, sabemos que a negação é determinante para a sua construção de sentido, no entanto, não é nem a negação comum, nem

a negação metalinguística. Coube a nós verificar esta ‘nova’ negação, que chamamos de *desconstrutiva*. Por que chamá-la assim? Nesses casos, o suporte é negado e o conector que relaciona aporte e suporte é mantido. Essa manutenção faz como que tenhamos uma ‘mudança de estado’: o que era, não é mais; o que não era, agora é. É justamente esta ‘sensação semântica’ que justifica nossa escolha pelo termo *desconstrutiva*, pois essa negação desconstrói o sentido da entidade lexical positiva, não sendo somente sua negação *não-e*.

Chegando ao final deste estudo, a sensação de ter alcançado um objetivo é gratificante. No entanto, há muito o que se estudar. Um exemplo disso é o signo *desmentido*, utilizado no discurso *Texto e Contexto* que serviu de material de análise. No momento em que apresentamos o discurso, mencionamos em nota de rodapé que, embora seja um signo iniciado por *des-*, não tínhamos conseguido explicar seu funcionamento. Nas tentativas de análise, percebemos que se trata de um signo diferente, mas não encontramos outros de igual ação para estudar. Optamos por deixar como uma sugestão de futuro estudo. Outro aspecto ainda não definido em relação ao conceito que elaboramos, *negação desconstrutiva*, é a relação entre os aspectos dos signos negativos e positivos quanto às suas argumentações externas à direita e à esquerda. Não pensamos estar concluindo um trabalho, mas dando uma pausa, pois como as sugestões indicam, há muito o que ser estudado ainda.

REFERÊNCIAS

ANORMALIDADE. In: **Dicionário online de português**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/anormalidade/>>. Acesso em: 04 ago. 2014.

ATÍPICO. In: **Citações em português**. Disponível em: <<http://www.citacoes.org/autor/1181/jose-saramago/p/13/>>. Acesso em: 22 set. 2014.

ANSCOMBRE, J.C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilla y Marta Tordesillas. Madrid: Gredos, 1994.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta García Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005.

_____. Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo. IN: CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta García Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005a, p.29-50.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar.2008 Tradução: Leci Borges Barbisan.

DELANOY, Cláudio. **Atitudes do locutor no discurso na perspectiva da teoria da argumentação na língua**. 2012. 155f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

ANORMALIDADE. In: **Dicionário online de português**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/anormalidade/>>. Acesso em: 04 ago. 2014.

DUCROT, Oswald. Analyse de textes et linguistique de l' énonciation. In. DUCROT, Oswald et al. **Les mots du discours**. Paris:Minuit, 1980.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Rev. téc. da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad Del Valle, 1990.

_____. Argumentación interna y argumentación externa. IN: CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta García Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005a, p.53-89.

_____. Apêndice I: Los internalizadores. IN: CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta García Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005b, p.163-186.

_____. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?. In: SAUSSURE, L. **Nouveaux regards sur Saussure**. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.

_____. Prefácio. In : VOGT, C. **O intervalo semântico : contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa**. 2.ed.rev. Campinas : Editora da Unicamp, 2009.

FLORES, V. N. Saussure e Benveniste: da teoria do valor à teoria do homem na língua. In: FERREIRA LIMA, Maria A. et al. **Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques Epistemológicos, Metodológicos e Descritivos**. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 13-30.

IMPACIÊNCIA. In: **Kd frases**. Disponível em: <http://kdfrases.com/frase/109496>. Acesso em: 30 set. 2014.

INACABADO. In: **Dicionário online de português**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/inacabado/>. Acesso em: 30 set. 2014.

VERÍSSIMO, L. F. Texto e contexto. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/06/09/texto-contexto-por-luis-fernando-verissimo-499512.asp>. Acesso em 01 de julho de 2012.

QUINTANA, M. **Frases de Mário Quintana**. Disponível em: <http://poetamarioquintana.blogspot.com.br/>. Acesso em: 07 mar. 2014.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SALDANHA, P.; VIEIRA, V. Sindicato quer anular decisão que desvinculou hospital da USP. **Estadão**, São Paulo, 3 de outubro de 2014. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,sindicato-quer-anular-decisao-que-desvinculou-hospital-da-usp,1569933>. Acesso em: 13 out. 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004

ANEXO A - Texto e contexto, de Luís Fernando Veríssimo

Texto e contexto

Na peça “Ricardo II”, de Shakespeare, há uma fala famosa que é muito citada como um hino patriótico à Inglaterra. Quem a diz é o duque John de Gount, tio do rei Ricardo II e pai de Henry Bolingbroke, **desafeto** exilado do rei, que acabará derrubando (sic) do trono.

John de Gount, à beira da morte, exalta as riquezas e as glórias do seu país (“este outro Eden”, “esta pedra preciosa posta no mar prateado”, a salvo “da inveja de terras menos felizes”, “este lote abençoado, este chão, este reino, esta Inglaterra”) num tom de entusiasmo crescente que empolga até quem não é inglês — se lido até a metade.

O resto da fala, raramente citada, é um lamento pelo declínio desta maravilha, cuja grandeza o rei está dilapidando. “Esta Inglaterra acostumada a conquistar, hoje é vergonhosamente derrotada por si mesma”, diz Gount, que termina desejando que “o escândalo **desapareça** junto com a minha vida, alegrando minha morte iminente”.

Já contei (umas cem vezes) que vi o Millôr Fernandes levantar uma plateia num encontro literário em Passo Fundo com a leitura de um texto de candente defesa da democracia e dos direitos humanos, e depois da ovação revelar que acabara de ler o discurso de posse do general Médici na Presidência da República, quando se inaugurava o período mais escuro da ditadura.

Um período em que com frequência o discurso do poder contrastava com a realidade à sua volta, e o texto era desmentido pelo contexto. A aula do Millôr foi sobre a força autônoma da retórica, capaz de mobilizar uma multidão que ignora seu contexto. Mas pior do que isto é quando o contexto é conhecido e mesmo assim as palavras compõem outra realidade, e empolgam e mobilizam do mesmo jeito.

A história brasileira está cheia de exemplos do triunfo da oratória bacharelista sobre a realidade do momento, do dito sem a menor relação com o feito.

Para ser justo com o Médici e o autor do seu discurso, é preciso reconhecer que em todo discurso de posse presidencial há um **desencontro** parecido entre intenção e realidade. Quem não se lembra do discurso de posse do Collor?

Shakespeare tem outros exemplos de textos em que uma parte se vira contra a outra, como a exaltação que vira lamento de John de Gount. O mais notório é a fala de Marco Antonio sobre o corpo de César assassinado, que começa dando razão aos assassinos e termina incitando a massa a matá-los. Em outro trecho da peça alguém diz que se deve ter muito, mas muito cuidado com os bons oradores.

ANEXO B - Sindicato quer anular decisão que desvinculou hospital da USP

Sindicato quer anular decisão que desvinculou hospital da USP

Conselho Universitário aprovou a transferência do Hospital de Reabilitação de Anomalias Cranofaciais para a Secretaria de Saúde

SÃO PAULO - A Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) encaminhou ofício à reitoria solicitando a anulação da decisão que desvinculou da USP o Hospital de Reabilitação de Anomalias Cranofaciais (HRAC) de Bauru. O sindicato defende que a votação no Conselho Universitário (C.O.) sobre o assunto não atendeu o quórum estabelecido no Estatuto da USP.

Em agosto, o conselho, órgão máximo da USP, aprovou por 63 votos a favor, 27 contrários e 16 abstenções a transferência do HRAC para a Secretaria de Saúde. Mas o estatuto prevê a necessidade do aval de mais de dois terços dos cerca de 120 membros do C.O. para aprovar criação, extinção ou incorporação de unidades.

A desvinculação do HRAC e do Hospital Universitário (HU), da capital, foi proposta pelo reitor Marco Antonio Zago para aliviar a crise financeira da universidade. A decisão sobre o HU ainda não saiu. A reitoria da USP informou que o assunto está sendo analisado pela Procuradoria-geral da universidade.

Paulo Saldaña e Victor Vieira - O Estado de S. Paulo

03 de Outubro de 2014